

A filosofia não é apenas atividade de pensadores brilhantes porém excêntricos, como popularmente se pensa. Filosofia é o que todos fazemos quando estamos livres de nossas atividades cotidianas e temos uma chance de nos perguntar o que é a vida e o universo. Nós, humanos, somos criaturas naturalmente curiosas e não conseguimos deixar de fazer perguntas sobre o mundo à nossa volta e o nosso lugar nele. Também somos equipados com uma capacidade intelectual poderosa, que nos permite tanto raciocinar como apenas divagar. Ainda que não o percebamos, ao raciocinar praticamos o pensamento filosófico.

Chegar às respostas para as questões fundamentais é menos determinante para a filosofia do que o próprio processo de busca dessas respostas pelo uso da razão, em vez de aceitar sem questionamentos as visões convencionais ou a autoridade tradicional. Os primeiros filósofos, nas antiguidades grega e chinesa, foram pensadores que, insatisfeitos com as explicações usuais fornecidas pela religião e pelos costumes, procuraram respostas embasadas em justificações racionais. E, assim como compartilhamos nossas observações com amigos e colegas, eles discutiram ideias entre si e fundaram "escolas"

para ensinar não apenas as conclusões a que chegaram, mas a maneira como chegaram até elas. Eles encorajavam os alunos a discordar e a criticar ideias, como meio de refiná-las e de alcançar visões novas e diferentes. Uma concepção popular equivocada é aquela do filósofo em isolamento chegando sozinho a suas conclusões, pois isso dificilmente acontece. Novas ideias surgem por meio da discussão, investigação, análise e crítica de ideias alheias.

Debate e diálogo

Nesse sentido, o filósofo arquetípico foi Sócrates. Nenhum escrito seu foi deixado para as futuras gerações – nem grandes ideias como conclusões

de seu pensamento. Sócrates orgulhava-se de ser o mais sábio entre os homens porque sabia que nada sabia. Seu legado é a tradição do debate e discussão, do questionamento às suposições alheias para obter uma compreensão mais profunda e extrair verdades fundamentais. Os textos de seu discípulo Platão quase invariavelmente se apresentam na forma de diálogos, com Sócrates como personagem principal. Muitos filósofos posteriores também adotaram o recurso do diálogo para apresentar ideias, exibindo argumentos e contra-argumentos, em lugar de um simples relato de suas reflexões e conclusões.

O filósofo que apresenta suas ideias ao mundo é sujeito a receber comentários que comecem com "Sim, mas..." ou "E se...", ao em vez da aceitação irrestrita. Na realidade, os filósofos tendem a discordar ferozmente uns dos outros sobre quase todos os temas. Platão e seu discípulo Aristóteles, por exemplo, tinham visões opostas em relação a questões filosóficas fundamentais, e, desde então, essas diferentes abordagens polarizaram as opiniões dos pensadores. Isso, por sua vez, provocou mais discussão, instigando o surgimento de mais ideias novas.

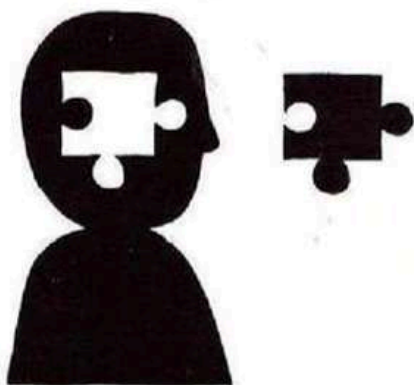
Mas como essas questões filosóficas ainda continuam a ser



Questionar é o atributo de um filósofo, porque não há outro início para a filosofia além desse.

Platão





discutidas e debatidas? Por que os pensadores não apresentam respostas definitivas? Quais são, enfim, essas “questões fundamentais” tratadas pela filosofia através dos tempos?

Existência e conhecimento

Quando surgiram na antiga Grécia, cerca de 2.500 anos atrás, os primeiros filósofos tiveram seu senso de questionamento inspirado pelo mundo ao redor. Eles viam a Terra e todas as formas de vida que nela habitam; observavam o sol, a lua, os planetas e as estrelas; vivenciavam fenômenos naturais (clima, terremotos, eclipses). E buscavam explicações para todas essas coisas – não mitos e lendas sobre deuses, mas algo que satisfizesse sua curiosidade e seu intelecto. A primeira questão que ocupou suas mentes foi “Do que é feito o universo?”, a qual logo se expandiu para “Qual é a natureza do que quer que exista?”.

Esse é o ramo da filosofia que agora chamamos de metafísica. Embora muito da questão original tenha sido explicado pela ciência moderna, questões relacionadas à metafísica, como “Por que há algo ao invés de nada?”, não são respondidas tão facilmente.

Uma vez que também existimos como parte do universo, a metafísica considera a natureza da existência

humana e as implicações de nossa condição de seres conscientes. Como percebemos o mundo à nossa volta? As coisas existem independentemente de nossa percepção? Qual a relação entre mente e corpo? Existe tal coisa chamada alma imortal? O ramo da metafísica que trata de questões da existência – a ontologia – é amplo e forma a base de grande parte da filosofia ocidental.

Assim que os filósofos começaram a submeter o conhecimento recebido ao teste da investigação racional, outra questão fundamental tornou-se óbvia: “Como podemos saber?”. O estudo da natureza e dos limites do conhecimento forma uma segunda área importante da filosofia: a epistemologia.

Em seu cerne está a questão de como adquirimos conhecimento, como chegamos a conhecer o que conhecemos – o conhecimento (ou parte dele) é inato ou aprendemos tudo a partir da experiência? Podemos conhecer algo exclusivamente a partir da razão? Essas questões são vitais para o pensamento filosófico, uma vez que precisamos ter confiança em nosso conhecimento a fim de raciocinar corretamente. Também temos de determinar o escopo e os limites de nosso conhecimento. Do contrário, jamais estaríamos seguros de que realmente sabemos o que

pensamos que sabemos – e que não fomos de alguma forma “iludidos”, pelos nossos sentidos, a acreditar nisso.

Lógica e linguagem

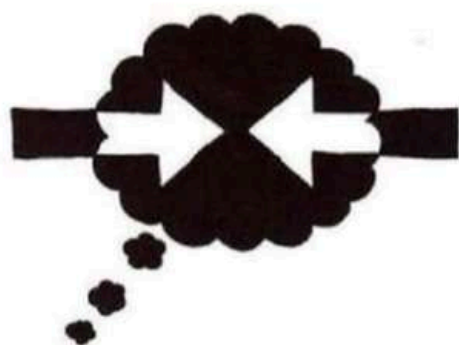
O raciocínio depende do estabelecimento da verdade das afirmações, que podem então ser usadas para desenvolver uma cadeia de pensamentos até uma conclusão. Isso agora pode parecer óbvio, mas a ideia de construir um argumento racional diferenciou a filosofia das explicações supersticiosas e religiosas que existiam antes dos filósofos. Esses pensadores arquitetaram uma forma de assegurar que suas ideias tivessem validade. O que surgiu do pensamento deles foi a lógica – técnica de raciocínio gradualmente aperfeiçoada



A superstição deixa o mundo inteiro em chamas, a filosofia as extingue.

Voltaire





ao longo do tempo. A princípio apenas uma ferramenta útil para analisar a consistência de um argumento, a lógica desenvolveu regras e convenções próprias, tornando-se ela mesma outro ramo importante da filosofia.

Como grande parte da filosofia, a lógica tem conexões íntimas com a ciência – a matemática, em particular. A estrutura básica do argumento lógico, iniciado com uma premissa e construído por meio de uma série de passos até a conclusão, é a mesma de uma demonstração matemática. Não é surpresa, assim, que os filósofos tenham recorrido muitas vezes à matemática em busca de exemplos de verdades evidentes e indiscutíveis. Muitos dos grandes pensadores, de Pitágoras a Descartes e Leibniz, foram matemáticos completos.

Embora a lógica passe a impressão de ser o ramo mais exato e “científico” da filosofia – um campo em que as coisas estão ou certas ou erradas –, uma observação mais detalhada sobre o tema revela que as coisas não são tão simples. Os avanços na matemática no século XIX desafiaram as regras da lógica estabelecidas desde Aristóteles. E, mesmo nos tempos antigos, os famosos paradoxos de Zenão de Eleia extraíram conclusões absurdas a partir de argumentos aparentemente irreprensíveis.

Grande parte do problema é que a lógica filosófica, diferentemente da matemática, expressa-se em palavras, e não em números ou símbolos, e está sujeita às ambiguidades e sutilezas inerentes à linguagem. Construir um argumento baseado na razão envolve usar a linguagem com cuidado e precisão, examinando afirmações e argumentos para se ter certeza de que signifiquem exatamente o que imaginamos que significam. E, quando estudamos os argumentos alheios, temos de analisar não apenas seus passos lógicos, mas também a linguagem que usam, para averiguar se suas conclusões são consistentes. Desse processo floresceu no século XX outro campo de conhecimento: a filosofia da linguagem, que investiga os termos e seus significados.

Moralidade, arte e política

Como a linguagem é imprecisa, os filósofos tentam esclarecer os significados em sua busca por respostas a questões filosóficas. O tipo de pergunta que Sócrates fez aos cidadãos de Atenas buscou chegar ao cerne do que eles realmente acreditavam que eram certos conceitos. Sócrates fazia perguntas aparentemente simples – como “O que é justiça?” ou “O que é beleza?” – não apenas para trazer significados à luz,

mas também para explorar os próprios conceitos. Em discussões desse gênero, Sócrates desafiou preceitos sobre a maneira como vivemos e sobre as coisas que consideramos importantes.

O exame sobre o significado de levar uma vida “virtuosa”, sobre justiça e felicidade (e como alcançá-las) e sobre como devemos nos comportar formam a base para o ramo da filosofia conhecido como ética ou filosofia moral. O ramo que deriva da questão do que constitui a beleza e a arte, por sua vez, é conhecido como estética.

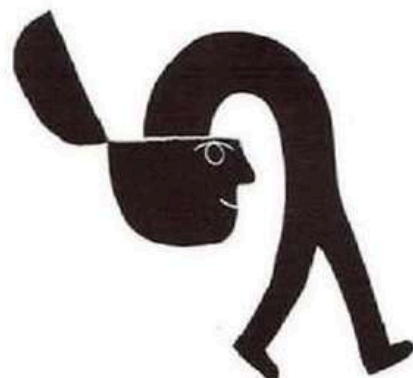
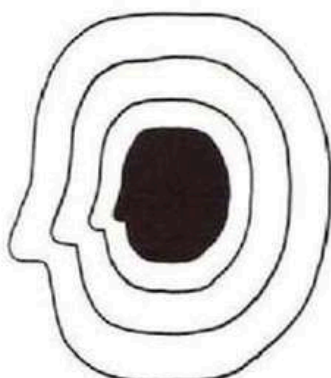
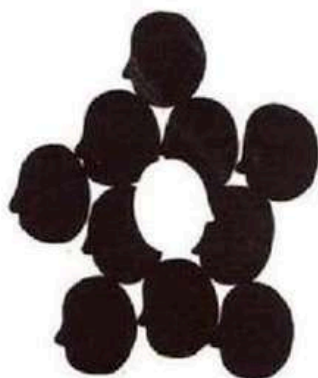
Para além da consideração sobre questões éticas referentes às vidas

“

Oh, filosofia, guia da vida!
Oh, tu que persegues
a virtude e escorraças
os vícios! O que seríamos,
nós e todas as eras dos
homens, sem ti?

Cícero

”



dos indivíduos, é natural que se pense sobre o tipo de sociedade na qual gostaríamos de viver – como ela deveria ser governada, os direitos e responsabilidades de seus cidadãos, e assim por diante. A filosofia política trata dessas ideias. Desde a *República*, de Platão, ao *Manifesto comunista*, de Karl Marx, os filósofos sugeriram vários modelos a partir de suas crenças sobre como a sociedade deveria se organizar.

Religião: Oriente e Ocidente

Os vários ramos da filosofia não estão apenas interligados, mas sobrepõem-se consideravelmente, sendo às vezes difícil definir a que área pertence uma ideia particular. A filosofia também ultrapassa os limites de várias disciplinas diferentes, incluindo a ciência, a história e as artes. Criada a partir do questionamento dos dogmas religiosos e superstições, a filosofia também investiga a própria religião, formulando perguntas como "Deus existe?" ou "Temos uma alma imortal?". Tais questões têm suas raízes na metafísica, mas implicações também na ética. Por exemplo, alguns filósofos perguntam se nossa moralidade vem de Deus ou se é uma construção humana – e isso, por sua vez, suscitou um grande debate sobre o livre-arbítrio da humanidade.

Nas filosofias orientais que evoluíram na China e na Índia (particularmente o taoísmo e o budismo), os limites entre filosofia e religião são tênues, ao menos para o modo de pensar ocidental. Isso marca uma das maiores diferenças entre as filosofias ocidentais e orientais. Embora em geral não sejam resultado de revelação divina ou dogma religioso, as filosofias orientais estão muitas vezes ligadas de maneira intrincada com o que poderíamos considerar questões de fé. Ainda que com frequência se use o raciocínio filosófico para justificar a fé no mundo judaico-cristão e islâmico, fé e crença se integram na filosofia oriental de um modo que não encontra paralelo no Ocidente. Os pontos de partida dessas duas tradições filosóficas também

diferem. Aquilo que os antigos gregos viam como metafísica era matéria devidamente tratada pela religião segundo o olhar dos primeiros filósofos chineses, que, assim, preocupavam-se mais com a filosofia moral e política.

Seguindo o raciocínio

A filosofia nos presenteou com algumas das mais importantes e influentes ideias da história. Este livro apresenta uma coleção dessas ideias, provenientes dos mais conhecidos filósofos e aqui resumidas em citações bem conhecidas ou em sínteses vigorosas. Talvez a mais célebre citação da filosofia seja o "*cogito, ergo sum*" de Descartes (traduzida do latim como "penso, logo existo"). Trata-se de uma das ideias centrais da história da filosofia, delimitando um momento decisivo no pensamento que nos conduziu à era moderna. Por si só, contudo, a citação não significa muito: é a conclusão de uma linha de argumento sobre a natureza da certeza e faz sentido somente quando examinamos o raciocínio que a sustenta. E é apenas quando examinamos aonde Descartes foi com a ideia – ou seja, quais as consequências daquela conclusão – que percebemos sua importância.

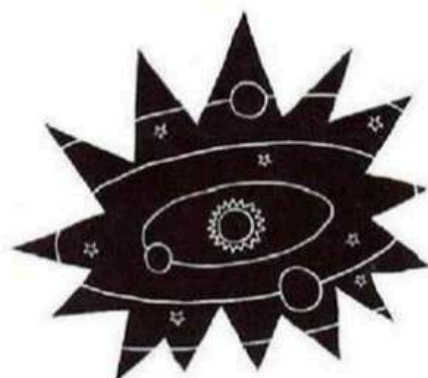
Muitas das ideias contidas neste livro podem parecer enigmáticas à primeira vista. Algumas talvez soem



Não há nada bom
ou ruim, mas pensar
torna-o assim.

William Shakespeare





evidentes, outras paradoxais ou desafiadoras do senso comum. E também há aquelas que parecem sob medida para atestar a sentença irreverente de Bertrand Russell, de que “a questão principal da filosofia é começar com algo tão simples que dê a impressão de não valer a pena ser enunciado e terminar com algo tão paradoxal em que ninguém irá acreditar”. Mas por que essas ideias são tão importantes?

Sistemas de pensamento

Em alguns casos, as teorias apresentadas neste livro foram as primeiras de seu gênero na história do pensamento. Embora certas conclusões possam hoje parecer óbvias, em retrospecto foram surpreendentemente novas em sua época e, apesar de sua aparente simplicidade, podem nos servir para reexaminar coisas que admitimos como certas. As teorias abordadas no livro que parecem ser paradoxais e contrárias ao senso comum são as ideias que realmente questionam nossas suposições sobre nós mesmos e o mundo – e elas também nos fazem pensar em novas maneiras de ver as coisas. Há várias ideias aqui concernentes a questões sobre as quais os filósofos ainda estão ponderando. Algumas se relacionam a outros pensamentos e a teorias em

diferentes campos do pensamento do mesmo filósofo. Outras emergem da análise ou crítica da obra de outro filósofo. Tais ideias podem integrar uma linha de raciocínio que se estende ao longo de várias gerações ou mesmo séculos – ou, ainda, constituir o conceito central de uma “escola” filosófica específica.

Muitos dos grandes filósofos organizaram “sistemas” integrados de filosofia com ideias interconectadas. Suas opiniões sobre como adquirimos conhecimento, por exemplo, podem ter levado a uma visão metafísica particular sobre o universo e a alma do homem. Isso, por sua vez, guarda implicações sobre o tipo de vida que o filósofo acredita que devemos levar e que tipo de sociedade seria ideal. E, por sua vez, esse sistema inteiro de ideias apresenta-se como o ponto inicial para filósofos subsequentes.

Devemos lembrar também que essas ideias quase nunca se tornam datadas. Elas ainda têm muito a nos dizer, mesmo quando filósofos e cientistas subsequentes provaram que suas conclusões estavam erradas. De fato, muitas ideias rejeitadas durante séculos provaram ser surpreendentemente prescientes, como as teorias dos antigos atomistas gregos, por exemplo. De maneira notável, tais pensadores estabeleceram os processos da

filosofia, maneiras de pensar e organizar nossos pensamentos. Convém lembrar que essas ideias são apenas uma pequena parte do pensamento de cada filósofo – em geral, a conclusão de uma longa linha de raciocínio.

Ciência e sociedade

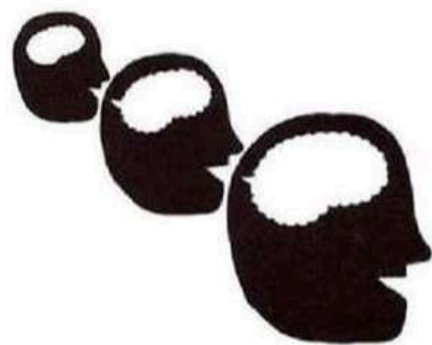
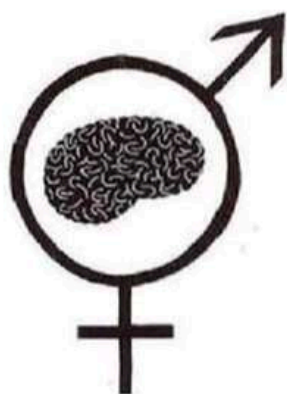
Essas ideias seminais também espalharam sua influência além da filosofia. Algumas geraram movimentos científicos, políticos ou artísticos. Muitas vezes, a relação entre ciência e filosofia é de intercâmbio, com ideias de um lado informando o outro. De fato, há todo um campo na filosofia que estuda o pensamento por trás dos métodos e práticas científicas. O desenvolvimento do pensamento lógico influenciou o modo como a

“

O ceticismo é o primeiro passo em direção à verdade.

Denis Diderot

”



matemática evoluiu até se tornar a base para o método científico, que se vale da observação sistemática para explicar o mundo. Já as ideias sobre a natureza do "eu" e da consciência desenvolveram-se até a ciência da psicologia.

O mesmo é verdadeiro para a relação da filosofia com a sociedade. Toda espécie de ética encontrou adeptos em líderes políticos ao longo da história, instigando revoluções e moldando as sociedades nas quais vivemos hoje. As decisões éticas tomadas em todas as profissões têm dimensões morais que são influenciadas pelas ideias dos grandes pensadores da filosofia.

Por trás das ideias

As ideias filosóficas são influenciadas pelos contextos sociais e culturais em que foram formuladas pelos filósofos. Quando as examinamos, obtemos um retrato de certas características nacionais e regionais, assim como um sabor da época específica.

Os filósofos estudados aqui apresentam personalidades distintas. Alguns pensadores são otimistas e outros, pessimistas; alguns são detalhistas, outros pensam em vastos horizontes; alguns se expressam em linguagem clara e precisa, outros de forma poética, densa e abstrata, nem sempre simples de destrinchar. Ao ler

essas ideias nos textos originais, você não vai apenas concordar ou discordar do que dizem e seguir o raciocínio que os levou às conclusões, mas também formar uma imagem de que tipo de pessoa está por trás desses pensamentos. Você poderá, por exemplo, entusiasmar-se com o espirituoso e encantador Hume, apreciando sua prosa magnificamente clara mesmo que se sinta pouco à vontade com o que ele tem a dizer. Ou, então, deleitar-se com o discurso persuasivo de Schopenhauer, ainda que experimente a sensação de que o autor não era um homem particularmente agradável.

Acima de tudo, esses pensadores foram (e ainda são) interessantes e estimulantes. Os melhores também se destacaram como grandes escritores: seus textos originais podem ser tão prazerosos quanto a prosa de ficção. Podemos apreciar não apenas seus estilos literários, mas também seus estilos filosóficos: o modo como apresentam seus argumentos, além de nos estimular a mente, pode ser tão elevado quanto a grande arte, tão elegante quanto uma demonstração matemática e tão espirituoso quanto um orador inspirado.

A filosofia não trata simplesmente de ideias. É um modo de pensar. Muitas vezes, não há respostas certas nem erradas, e filósofos diferentes com

frequência chegam a conclusões radicalmente diversas em suas investigações sobre questões que a ciência não pode (e a religião não ousa) explicar.

O prazer da filosofia

O autoquestionamento e a curiosidade são atributos humanos, assim como a excitação da exploração e a alegria da descoberta. Com a filosofia atingimos o mesmo tipo de "euforia" proporcionada pela atividade física – e o mesmo prazer experimentado ao apreciarmos as artes. Acima de tudo, temos a satisfação de chegar a crenças e ideias por meio de nosso próprio raciocínio, e não por imposição da sociedade, da religião, da escola ou mesmo dos filósofos consagrados. ■



O início do pensamento está no desacordo – não apenas com os outros, mas também conosco.

Eric Hoffer



20 INTRODUÇÃO

Tales de Mileto, o primeiro filósofo grego conhecido, busca **respostas racionais** para questões sobre o mundo em que vivemos.

624-546 a.C.

Data tradicional de nascimento de **Confúcio**, cuja filosofia é centrada no **respeito** e na **tradição**.

551 a.C.

Morte de **Sidarta Gautama**, o **Buda**, fundador da religião e da filosofia do **budismo**.

480 a.C.

Empédocles propõe sua teoria dos quatro elementos clássicos. É o último filósofo grego a registrar suas ideias em verso.

c.460 a.C.

569 a.C.

Nascimento de **Pitágoras**, pensador grego que combinou filosofia e matemática.

508 a.C.

A poderosa cidade-estado grega de Atenas adota a **constituição democrática**.

469 a.C.

Nascimento de **Sócrates**, cujos **métodos de questionamento** em Atenas formaram a base de grande parte da filosofia ocidental.

404 a.C.

A derrota na **Guerra do Peloponeso** leva ao declínio do poder político de Atenas.

Desde o início da história humana fazemos perguntas sobre o mundo e sobre nosso lugar nele. Para as primeiras sociedades, as respostas para as questões fundamentais eram encontradas na religião: as ações dos deuses explicavam o funcionamento do universo e ofereciam uma estrutura para as civilizações humanas.

Algumas pessoas, no entanto, considerando inadequadas as explicações religiosas, começaram a buscar respostas baseadas na razão em lugar da convenção. Essa mudança marcou o nascimento da filosofia, e o primeiro dos grandes pensadores conhecidos foi Tales, de Mileto – cidade grega situada na atual Turquia. Tales usou a razão para investigar a natureza do universo e encorajou outros a fazer o mesmo. O que transmitiu a seus seguidores não

foram apenas respostas, mas todo um processo de como pensar racionalmente, bem com uma ideia do tipo de explicação que poderia ser considerada satisfatória. Por isso, Tales de Mileto é considerado o primeiro filósofo.

A preocupação dos primeiros filósofos concentrava-se na indagação básica de Tales: “Do que é feito o mundo?”. Suas respostas constituem a base do pensamento científico e forjaram uma relação entre ciência e filosofia que perdura até hoje. A obra de Pitágoras marcou uma grande mudança, visto que ele procurou explicar o mundo em termos da matemática, e não em razão de alguma forma de matéria primordial. Pitágoras e seus seguidores descreveram a estrutura do cosmos em números, relações e geometria. Embora algumas dessas relações

matemáticas apresentassem significado místico entre os adeptos da escola pitagórica, suas explicações numéricas sobre o cosmos tiveram profunda influência nos primórdios do pensamento científico.

Filosofia clássica grega

Enquanto as cidades-estados gregas cresciam em importância, a filosofia espalhava-se no mundo grego a partir da região da Jônia – Atenas em particular –, que estava se tornando rapidamente o centro cultural da Grécia. Foi ali que os filósofos ampliaram o objetivo da filosofia para incluir novas questões, do tipo “Como sabemos o que sabemos?” ou “Como devemos viver nossas vidas?”. Um ateniense, Sócrates, conduziu o breve porém altamente influente período da filosofia clássica grega. Embora não tenha deixado escritos, suas ideias



orientaram o futuro curso da filosofia, e todos os filósofos antes dele tornaram-se conhecidos como pré-socráticos. Seu discípulo Platão fundou em Atenas uma escola filosófica chamada Academia, onde lecionou e desenvolveu suas principais ideias, transmitindo-as a pupilos como Aristóteles, que também viria a ser professor ali durante vinte anos. As ideias e os métodos contrastantes desses grandes pensadores – Sócrates, Platão e Aristóteles – formam a base da filosofia ocidental como a conhecemos hoje. Suas diferenças de opinião dividiram os filósofos ao longo da história.

O período clássico da antiga Grécia teve seu fim com a morte de Alexandre, o Grande, em 323 a.C. Esse grande líder tinha unificado a Grécia. As cidades-estados gregas, que até então cooperavam, tornaram-se

novamente rivais. Depois da morte de Aristóteles, em 322 a.C., a filosofia também se dividiu em escolas de pensamento diferentes, com cínicos, cétricos, epicuristas e estoicos discutindo suas posições.

Nos dois séculos seguintes a cultura grega decaiu, enquanto o Império Romano cresceu. Os romanos tinham pouco tempo para a filosofia, à parte o estoicismo, mas as ideias gregas persistiram, principalmente porque preservadas nos manuscritos e traduções do mundo árabe. Elas ressurgiram posteriormente durante a época medieval, com a ascensão do cristianismo e do islamismo.

Filosofias orientais

Pensadores em toda a Ásia também questionavam a sabedoria convencional. A revolução política na China de 771 a 481 a.C. levou a um

conjunto de filosofias que estavam menos preocupadas com a natureza do universo do que com a melhor forma de organizar uma sociedade justa, fornecendo diretrizes morais para os indivíduos – e, durante o processo, investigando o que constitui uma vida "virtuosa". As chamadas "Cem Escolas de Pensamento" floresceram nesse período, e as mais significativas entre elas foram o confucionismo e o taoísmo – ambas continuaram a dominar a filosofia chinesa até o século XX.

No sul da China, surgiu um filósofo igualmente influente: Sidarta Gautama, conhecido depois como Buda. A partir de seus ensinamentos na Índia setentrional, por volta de 500 a.C., sua filosofia espalhou-se pelo subcontinente e por grande parte da Ásia meridional, onde ainda hoje é amplamente praticada. ■



EM CONTEXTO

ÁREA

Metafísica

ABORDAGEM

Monismo

ANTES

Século VI a.C. Os filósofos de Mileto afirmam que o cosmos é composto de uma única substância.

Século VI a.C. Pitágoras afirma que o universo tem uma estrutura subjacente que pode ser matematicamente definida.

DEPOIS

Início do século V a.C. Parmênides usa a dedução lógica para provar que a mudança é possível.

Final do século IV a.C. Platão descreve o mundo num estado de fluxo, mas rejeita Heráclito como contraditório.

Início do século XIX Georg Hegel baseia seu sistema filosófico dialético na integração de opostos.

TUDO É FLUXO

HERÁCLITO (c.535-475 a.C.)

Enquanto outros antigos filósofos gregos procuraram explicações científicas para a natureza física do cosmos, Heráclito o entendia como governado por um *logos* divino. Às vezes interpretado como "razão" ou "argumento", Heráclito considerava o *logos* uma lei universal, cósmica, de acordo com a qual todas as coisas começam a existir e todos os elementos materiais do universo são mantidos em equilíbrio.

Heráclito sugeriu que o equilíbrio de opostos – dia e noite, quente e frio, por exemplo – levava à

unidade do universo. Tudo seria parte de um único e fundamental processo ou substância – o princípio central do monismo. Mas ele também afirmou que uma tensão é constantemente gerada entre esses pares de opostos e, então, concluiu que tudo está em permanente estado de fluxo – ou mudança. O dia, por exemplo, muda para noite, que por sua vez muda novamente para dia.

Usando o exemplo de um rio, Heráclito ilustrou sua teoria: "Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio". Com isso, ele queria dizer que, no instante em que se entra num rio, águas novas imediatamente substituirão aquelas nas quais a pessoa mergulhou – e ainda assim o próprio rio é sempre descrito como coisa fixa e imutável.

A crença de Heráclito de que todo objeto no universo está em estado de constante fluxo se opunha ao pensamento dos filósofos da escola de Mileto, como Tales e Anaxímenes, que definiram todas as coisas por sua essência fundamentalmente imutável. ■

“

O caminho acima
e o caminho abaixo
são um só e o mesmo.

Heráclito

”

Ver também: Tales de Mileto 22-23 ■ Anaxímenes de Mileto 330 ■ Pitágoras 26-29 ■ Parmênides 41 ■ Platão 50-55 ■ Georg Hegel 178-185



TUDO É UNO

PARMÊNIDES (c.515-445 a.C.)

EM CONTEXTO

ÁREA

Metafísica

ABORDAGEM

Monismo

ANTES

Século VI a.C. Pitágoras considera a estrutura matemática, e não uma substância, a base do cosmos.

c.500 a.C. Heráclito afirma que tudo é fluxo.

DEPOIS

Final do século Va.C. Zenão de Eleia expõe seus paradoxos e demonstra a natureza ilusória de nossa experiência.

c.400 a.C. Demócrito e Leucipo afirmam que o cosmos é composto de átomos num vazio.

Final do século IV a.C. Platão expõe a Teoria das Formas e diz que as ideias abstratas são a forma mais elevada de realidade.

1927 Martin Heidegger escreve *Ser e Tempo*, atualizando a questão do sentido do ser.

As ideias propostas por Parmênides marcam um momento decisivo na filosofia grega. Influenciado pelo pensamento lógico e científico de Pitágoras, Parmênides empregou o raciocínio dedutivo na tentativa de revelar a verdadeira natureza física do mundo. Suas investigações o levaram a assumir uma visão oposta à de Heráclito.

A partir da premissa de que algo existe ("é"), Parmênides deduziu que esse algo não pode também não existir ("não é"), pois isso envolveria uma contradição lógica. Portanto, seria impossível existir um estado de nada – não haveria vazio. Assim, algo não pode vir do nada: deve sempre ter existido em alguma forma. Essa forma permanente não pode mudar, porque algo que é permanente não pode mudar para outra coisa sem deixar de ser permanente. A mudança fundamental seria, portanto, impossível.

Parmênides concluiu, a partir desse padrão de pensamento, que tudo que é real deve ser eterno e imutável e ter uma unidade



Entender o cosmos é uma das mais antigas questões filosóficas. No século XX, surgiram evidências da física quântica que sustentam ideias defendidas por Parmênides apenas com o uso da razão.

indivisível: "Tudo é uno". De maneira mais significativa para filósofos posteriores, Parmênides mostrou que nossa percepção do mundo é imperfeita e cheia de contradições. Nós parecemos sentir a mudança, ainda que nossa razão nos diga que a mudança é impossível. A conclusão a que podemos chegar é que nunca devemos confiar na experiência que nos é transmitida pelos nossos sentidos. ■

Ver também: Pitágoras 26-29 ■ Heráclito 40 ■ Demócrito e Leucipo 45 ■ Zenão de Eleia 331 ■ Platão 50-55 ■ Martin Heidegger 252-255



O HOMEM É A MEDIDA DE TODAS AS COISAS

PROTÁGORAS (c.490-420 a.C.)

EM CONTEXTO

ÁREA
Ética

ABORDAGEM
Relativismo

ANTES

Início do século V a.C.

Parmênides diz que podemos confiar mais na razão do que nas provas dos sentidos.

DEPOIS

Início do século IV a.C.

A Teoria das Formas de Platão defende que há "absolutos" ou formas ideais de tudo.

1580 Montaigne adota uma forma de relativismo para descrever o comportamento humano em seus *Ensaio*s.

1967-72 Derrida usa a técnica de desconstrução para mostrar que qualquer texto tem contradições irreconciliáveis.

2005 Em seu primeiro discurso como papa, Bento XVI adverte "que estamos caminhando para uma ditadura do relativismo".



No século V a.C., Atenas tornou-se uma cidade-estado importante e próspera e, sob a liderança de Péricles (445-429 a.C.), entrou em sua "Era de Ouro" de erudição e cultura. Isso atraiu pessoas de toda a Grécia – e, para aquelas que conheciam e sabiam interpretar a lei, havia vantagens. A cidade era administrada sob princípios democráticos, com um sistema legal estabelecido. Exigia-se de qualquer

pessoa levada à corte que defendesse sua causa. Não havia advogados, mas uma reconhecida classe de conselheiros logo se desenvolveu. Nesse grupo estava Protágoras.

Tudo é relativo

Protágoras ensinava legislação e retórica para qualquer um que pudesse pagar. Seus ensinamentos eram objetivos – preparavam alguém para debater e ganhar uma causa, em

Ver também: Parmênides 41 • Sócrates 46-49 • Platão 50-55 • Michel de Montaigne 108-109 • Jacques Derrida 308-313



Muitas coisas impedem o conhecimento, incluindo a obscuridade do tema e a brevidade da vida humana.

Protágoras



vez de provar um ponto de vista –, mas ele conseguia ver as implicações filosóficas do que ensinava. Para Protágoras, todo argumento tem dois lados e ambos podem ser válidos. Ele afirmou que podia “transformar o argumento mais fraco em mais forte”, provando não o valor do argumento, mas a persuasão de seu proponente. Dessa forma, reconheceu que a crença é subjetiva: o homem, mantendo um ponto de vista ou opinião, é que dá a medida de seu valor. Esse estilo de

raciocínio, comum na justiça e na política daquele tempo, era novo na filosofia. Ao colocar seres humanos em seu centro, seguiu a tradição de retirar a religião do argumento filosófico e também mudou o foco da filosofia – da compreensão da natureza do universo para a investigação do comportamento humano. Protágoras voltou-se principalmente para questões práticas. Especulações filosóficas sobre a substância do cosmos ou a existência dos deuses soam sem sentido para ele, que considerava tais coisas incognoscíveis.

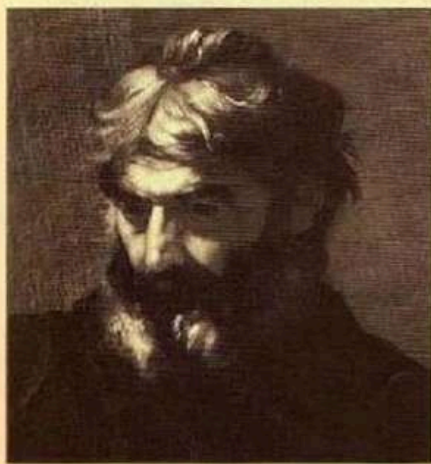
A principal implicação de “O homem é a medida de todas as coisas” é que a crença é subjetiva e relativa. Isso levou Protágoras a rejeitar a existência de definições absolutas de verdade, justiça ou virtude. O que é verdadeiro para uma pessoa pode ser falso para outra, ele afirmou. Esse relativismo também se aplicava a valores morais, tais como o certo e o errado. Para Protágoras, nada é inerentemente bom em si mesmo. Algo é ético ou certo apenas porque uma pessoa (ou sociedade) o julga assim.

Protágoras foi o mais influente de um grupo de professores itinerantes de legislação e retórica que se tornou conhecido como sofistas (do grego *sophia*, sabedoria). Sócrates e Platão ridicularizaram os sofistas como meros retóricos, mas com Protágoras a ética avançou significativamente rumo à visão de que não há absolutos e de que todos os julgamentos, incluindo os morais, são subjetivos. ■



Segundo Protágoras, qualquer “verdade” revelada por esses dois filósofos retratados numa ânfora grega do século V a.C. dependeria do uso da retórica e da habilidade para debater.

Protágoras



Nascido em Abdera, no nordeste da Grécia, Protágoras viajou muito como professor itinerante. Em certo momento mudou-se para Atenas, onde se tornou conselheiro do governante da cidade-estado, Péricles, que o encarregou de escrever a constituição para a colônia de Thuri, em 444 a.C. Protágoras defendia o agnosticismo. Diz a lenda que foi posteriormente acusado de impiedade e que seus livros acabaram queimados em público.

Apenas fragmentos de seus textos sobreviveram, embora Platão, em seus diálogos, trate detalhadamente das concepções de

Protágoras. Acredita-se que ele viveu até os setenta anos, mas a data e o local exatos da sua morte são desconhecidos.

Obras-chave

Século V a.C.

Sobre os deuses

A verdade ou as mudanças

Do ser

As antologias

Da matemática

Da república

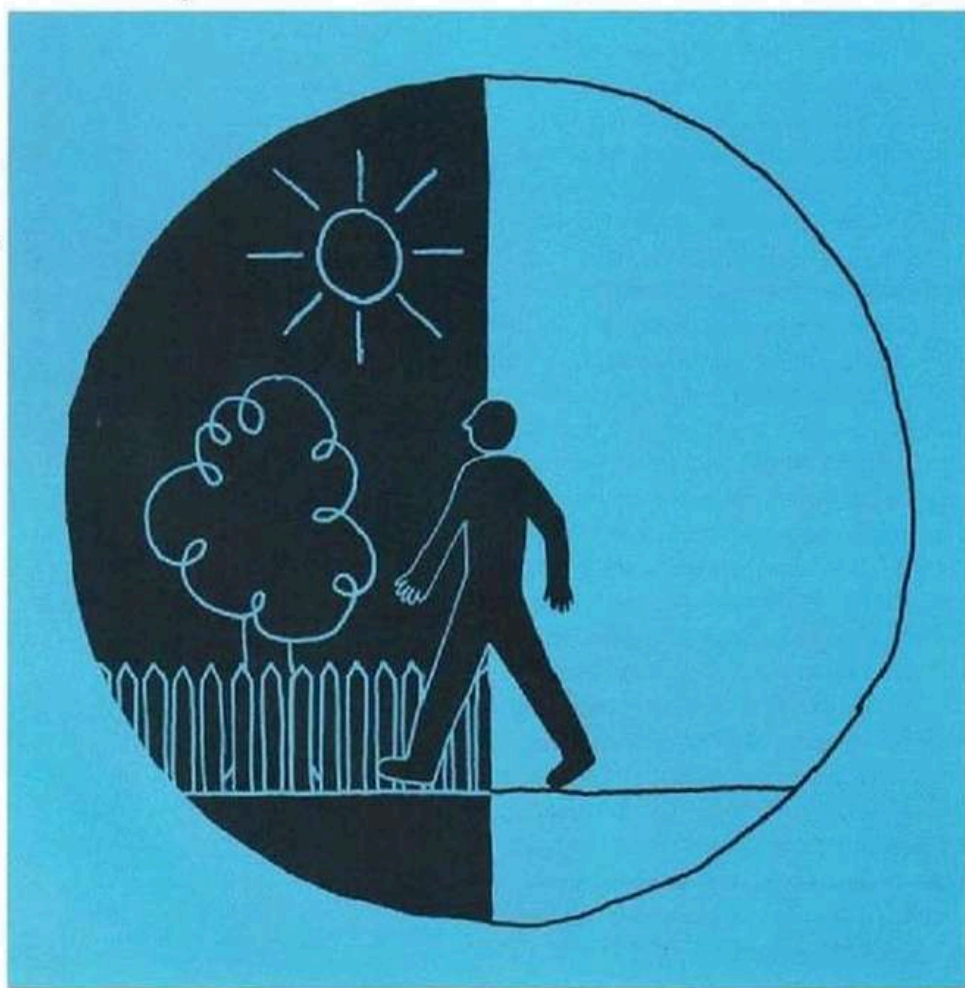
Da ambição

Das virtudes

Do estado das coisas no princípio

A VIDA IRREFLETIDA NÃO VALE A PENA SER VIVIDA

SÓCRATES (469-399 a.C.)



EM CONTEXTO

ÁREA

Epistemologia

ABORDAGEM

Método dialético

ANTES

c.600-450 a.C. Os filósofos pré-socráticos na Jônia e na Itália tentam explicar a natureza do cosmos.

Início do século V a.C.

Parmênides afirma que só podemos compreender o universo por meio da razão.

c.450 a.C. Protágoras e os sofistas aplicam a retórica às questões filosóficas.

DEPOIS

c.399-355 a.C. Platão retrata o caráter de Sócrates na *Apologia* e em outros diálogos.

Século IV a.C. Aristóteles reconhece seu débito ao método de Sócrates.

Sócrates é citado com frequência como um dos fundadores da filosofia ocidental. Contudo, nada escreveu, não criou escola alguma nem elaborou qualquer teoria. O que ele fez foi formular insistentemente perguntas que o interessavam e, ao fazê-lo, desenvolveu uma nova maneira de pensar, um novo modo de investigar o que pensamos. Isso foi chamado de método socrático, ou dialético (porque se encaminha como um diálogo entre visões opostas), e lhe rendeu vários inimigos em Atenas, onde vivia. Difamado como sofista (alguém que argumenta para vencer a discussão, e não para chegar à verdade), foi condenado à morte sob acusação de

Ver também: Tales de Mileto 22-23 • Pitágoras 26-29 • Heráclito 40 • Parmênides 41 • Protágoras 42-43 • Platão 50-55 • Aristóteles 56-63



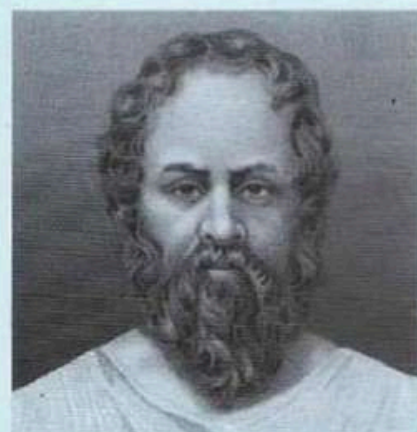
corromper a juventude com ideias que solapavam as tradições. Mas também teve muitos seguidores, entre eles Platão, que registrou as ideias socráticas numa série de obras escritas, chamadas diálogos, nas quais Sócrates examina vários temas. Em grande parte, é graças a tais diálogos – que incluem *Apologia*, *Fédon* e *Simpósio* – que seu pensamento sobreviveu para guiar o curso da filosofia ocidental.

O objetivo da vida

Sócrates viveu em Atenas na segunda metade do século V a.C. Quando jovem, acredita-se que tenha estudado filosofia natural, examinando as várias

explicações sobre a natureza do universo, até se envolver com a política da cidade-estado e interessar-se por assuntos práticos, como a natureza da justiça. No entanto, não estava interessado em vencer polêmicas ou debater para ganhar dinheiro – acusação lançada a muitos de seus contemporâneos. Ele não procurava respostas ou explicações definitivas: somente investigava a base dos conceitos que aplicamos a nós mesmos (como “bom”, “ruim” e “justo”), porque acreditava que compreender o que somos é a primeira tarefa da filosofia.

A preocupação central de Sócrates foi a investigação sobre a vida. Seu implacável questionamento sobre as »



Sócrates

Nascido em Atenas em 469 a.C., Sócrates era filho de um pedreiro e uma parteira. É provável que tenha seguido a profissão do pai, mas teve a oportunidade de estudar filosofia antes de ser convocado para o serviço militar. Depois de se destacar na Guerra do Peloponeso, retornou para Atenas e por um período envolveu-se na política. No entanto, quando seu pai morreu, herdou dinheiro suficiente para viver com a esposa Xantipa sem precisar trabalhar.

A partir de então, Sócrates tornou-se uma figura conhecida em Atenas, envolvendo-se em discussões filosóficas com concidadãos e conquistando um séquito de jovens alunos. Ao fim, acusado de corromper o espírito da juventude, foi condenado à morte. Embora lhe tivesse sido oferecida a alternativa do exílio, ele aceitou o veredito de culpado e recebeu sua dose fatal de cicuta em 399 a.C.

Obras-chave

Séculos IV-III a.C.

Relatos de Platão sobre a vida e a filosofia de Sócrates na *Apologia* e em vários diálogos.

“
Sou um cidadão
do mundo.
Sócrates
”

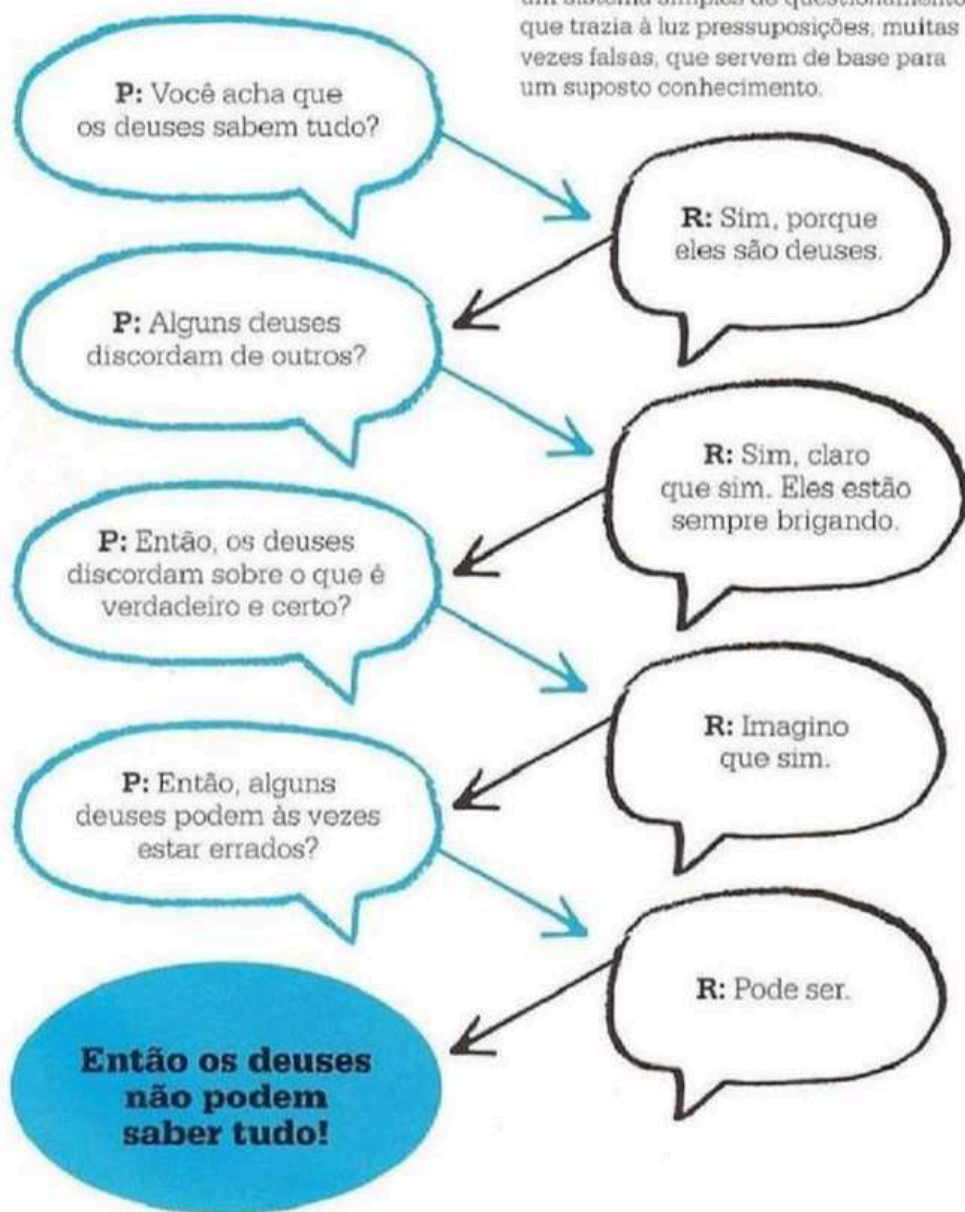
crenças mais estimadas (e, em grande parte, sobre as próprias pessoas crentes) lhe rendeu inimigos, mas ele permaneceu comprometido com sua empreitada até o fim. De acordo com o relato da defesa em seu julgamento, registrado por Platão, Sócrates preferiu a morte a ter de encarar uma vida de ignorância: "A vida irrefletida não vale a pena ser vivida".

Mas o que exatamente está envolvido nessa investigação sobre a vida? Para Sócrates, era um processo

de questionamento do significado de conceitos essenciais que usamos todos os dias, mas sobre os quais nunca pensamos, revelando desse modo seu significado real e nosso próprio conhecimento (ou ignorância). Sócrates foi um dos primeiros filósofos a considerar o que constituía uma vida "virtuosa"; para ele, tratava-se de alcançar a paz de espírito como resultado de fazer a coisa certa, em vez de viver de acordo com os códigos morais da sociedade. E a "coisa certa" somente pode ser determinada por meio de um exame rigoroso.

Sócrates rejeitou a noção de que conceitos como virtude eram relativos, insistindo que constituíam valores absolutos, aplicáveis não apenas aos cidadãos de Atenas ou da Grécia, mas a pessoas de todo o mundo. Ele acreditava que a virtude (*areté* em grego, que na época implicava excelência e concretização) era "o mais valioso dos bens", e que ninguém realmente deseja fazer o mal. Qualquer pessoa que fizesse algo ruim estaria agindo contra sua consciência e, portanto, sentir-se-ia desconfortável – e, como todos lutamos pela paz de espírito, não seria algo que faríamos de boa vontade. O mal, ele pensava, era perpetrado pela falta de sabedoria e conhecimento. A partir disso, concluiu que "há apenas uma coisa boa: conhecimento; e uma coisa má: ignorância". O conhecimento é indissociável da moralidade. É a "única coisa boa", e por essa razão devemos sempre "examinar" nossas vidas.

O método dialético de Sócrates era um sistema simples de questionamento que trazia à luz pressuposições, muitas vezes falsas, que servem de base para um suposto conhecimento.



Cuidado com a alma

Para Sócrates, o conhecimento também pode desempenhar um papel na vida após a morte. Na *Apologia*, o Sócrates de Platão introduz sua famosa citação sobre uma vida irrefletida: "Digo-lhes que não deixem passar um dia sem falar da bondade e de todos os outros assuntos sobre os quais vocês me ouvem falar, e que investigar a mim

e aos outros é realmente a melhor coisa que um homem pode fazer". Esse cultivo do conhecimento, em vez de riqueza ou status, seria o objetivo supremo da vida. Não uma questão de diversão ou curiosidade, mas a razão pela qual existimos. Além disso, conhecimento seria essencialmente autoconhecimento, porque define a pessoa que se é nesse mundo e fomenta o cuidado pela alma imortal. Em *Fédon*, Sócrates diz que uma vida irrefletida leva a alma a ficar "confusa e aturdida, como se estivesse bêbada", enquanto uma alma sábia alcança a estabilidade e seu vagar chega a um fim.

Método dialético

Sócrates rapidamente tornou-se figura conhecida em Atenas, com reputação de espírito questionador. Segundo a lenda, um amigo do filósofo perguntou à sacerdotisa de Apolo em Delfos quem era o homem mais sábio do mundo. A resposta do oráculo foi que ninguém era mais sábio do que Sócrates. Ao saber disso, o próprio Sócrates ficou pasmo e recorreu às pessoas mais cultas que pôde encontrar para tentar refutar o oráculo. Descobriu que essas pessoas apenas achavam que tinham respostas, mas diante do questionamento de Sócrates esse conhecimento revelou-se limitado ou falso.

O método que ele usou para questionar o conhecimento desses sábios foi inovador. Sócrates assumiu o ponto de vista de quem nada sabia e simplesmente fez perguntas, expondo contradições nas argumentações e brechas nas respostas para, gradualmente, extrair *insights*. Ele

Sócrates foi condenado à morte em 399 a.C. basicamente por questionar a base da moralidade ateniense. Aqui, ele aceita o cálice de cicuta que iria matá-lo e faz gestos desafiadores aos céus.

comparava o processo à profissão de sua mãe, parteira, auxiliando no nascimento de ideias.

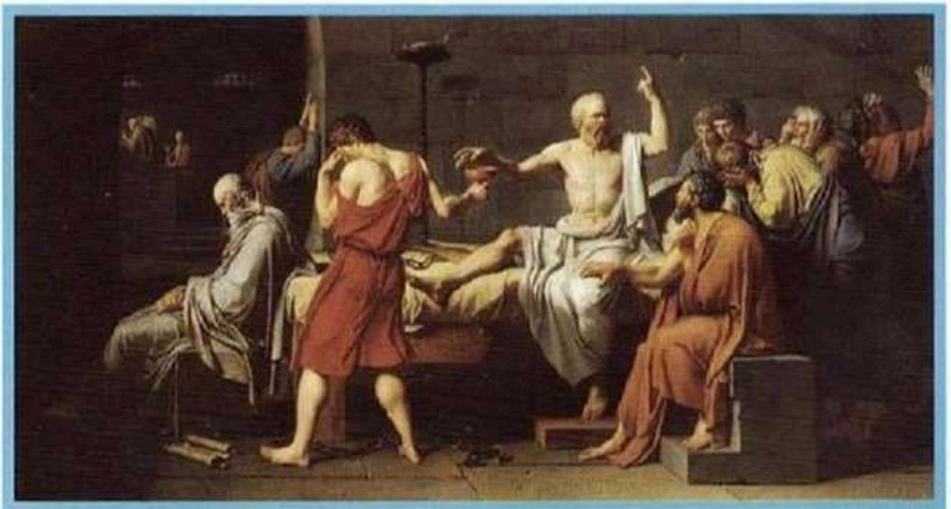
Por meio dessas discussões Sócrates compreendeu que o oráculo de Delfos estava certo: ele era o mais sábio de Atenas, não por causa de seu conhecimento, mas porque declarava que não sabia nada. Ele também percebeu que a inscrição na entrada do templo em Delfos, *gnothi seauton* ("conhece-te a ti mesmo"), era igualmente significativa. Para adquirir conhecimento acerca do mundo e de si mesmo era necessário compreender os limites da própria ignorância e remover as ideias preconcebidas. Só então se poderia ter esperança de determinar a verdade.

Sócrates começou a envolver as pessoas de Atenas em debates sobre tópicos como a natureza do amor, da justiça e da lealdade. Sua missão, mal interpretada como forma perigosa de sofisma (ou esperteza para proveito próprio), não era a de instruir as pessoas, nem mesmo aprender o que elas sabiam, mas explorar as ideias que elas tinham. Era a conversa em si, com a condução de Sócrates, que proporcionava *insights*. Por meio de uma série de perguntas, ele revelava as ideias e pressuposições de seu interlocutor e, então, expunha as contradições nesse discurso e levava o

“
Só sei que nada sei.
Socrates

outro a concordar com um novo conjunto de conclusões.

Esse método de examinar um argumento por meio da discussão racional a partir de uma posição de ignorância revolucionou o pensamento filosófico. Foi o primeiro uso conhecido do argumento indutivo, no qual um conjunto de premissas baseadas em experiências é inicialmente confirmado como verdadeiro e, então, leva a uma verdade universal na conclusão. Essa forma poderosa de argumento foi desenvolvida por Aristóteles e, mais tarde, por Francis Bacon, que a utilizava como ponto de partida de seu método científico. Tornou-se, por consequência, o alicerce não apenas da filosofia ocidental, mas de todas as ciências empíricas. ■





O CONHECIMENTO NA TERRA SÃO SOMBRAS

PLATÃO (c.427-347 a.C.)



EM CONTEXTO

ÁREA

Epistemologia

ABORDAGEM

Racionalismo

ANTES

Século VI a.C. Os filósofos de Mileto propõem teorias para explicar a natureza e a substância do cosmos.

c.500 a.C. Heráclito argumenta que tudo está em estado de fluxo ou mudança.

c.450 a.C. Protágoras diz que a verdade é relativa.

DEPOIS

c.335 a.C. Aristóteles diz que podemos encontrar a verdade ao observar o mundo.

c.250 d.C. Plotino funda a escola neoplatônica, que reinterpreta as ideias de Platão.

386 Santo Agostinho integra as teorias de Platão à doutrina cristã.



Em 399 a.C., o mentor de Platão, Sócrates, foi condenado à morte. Como Sócrates não havia deixando nada escrito, Platão assumiu a responsabilidade de preservar para a posteridade o que tinha aprendido com o mestre – primeiro na *Apologia*, relato sobre a defesa de Sócrates em seu julgamento, e depois ao usá-lo como personagem de uma série de diálogos. Nesses diálogos, às vezes, é difícil distinguir quais pensamentos são do mestre e quais ideias partiram do discípulo, mas evidencia-se um retrato de Platão usando os métodos do mestre para explorar e explicar suas próprias ideias.

Inicialmente, as preocupações de Platão eram como muitas de seu mentor: buscar definições de valores morais abstratos, como "justiça" e "virtude", assim como refutar a noção de Protágoras de que certo e errado são termos relativos. Em *A república*, Platão explicou sua visão de cidade-estado ideal e explorou aspectos da virtude, mas, ao fazê-lo, também tratou de outros temas além da filosofia moral. Como os antigos pensadores gregos, questionou a natureza e a substância do cosmos e explorou como o imutável e o eterno podiam existir num mundo em aparente transformação. No entanto, diferentemente de seus

predecessores, concluiu que o "imutável" na natureza é o mesmo que o "imutável" em moral e sociedade.

Procura do ideal

Em *A república*, Platão descreve Sócrates fazendo perguntas sobre as virtudes, ou conceitos morais, a fim de estabelecer definições claras e precisas. Sócrates tinha dito que "a virtude é conhecimento" e que, para agir de maneira justa, por exemplo, você devia primeiro perguntar o que é justiça. Platão sugeriu que, antes de nos referirmos a qualquer conceito moral em nosso pensamento ou raciocínio, devemos primeiro explorar o

Ver também: Tales de Mileto 22-23 ■ Heráclito 40 ■ Protágoras 42-43 ■ Sócrates 46-49 ■ Aristóteles 56-63 ■ Plotino 331 ■ Santo Agostinho 72-73

que queremos dizer com esse conceito e o que o torna precisamente o tipo de coisa que é. Ele levantou, ainda, a questão de como reconheceríamos a forma correta, ou perfeita, de qualquer coisa: uma forma que fosse verdadeira para todas as sociedades e épocas. Ao fazer isso, Platão sugere que deve existir alguma espécie de forma ideal das coisas no mundo em que vivemos – sejam essas coisas conceitos morais ou objetos físicos –, da qual estamos cientes, de alguma forma.

Platão falou sobre objetos no mundo ao nosso redor. Quando vemos uma cama, ele disse, sabemos que é uma cama e podemos reconhecer todas as camas, mesmo que elas possam diferir em vários aspectos. Cães, em suas várias espécies, são ainda mais variados, apesar de todos os cães compartilharem a característica “canina”, que é algo que podemos reconhecer e que nos permite dizer que sabemos o que é um cão. Platão argumentou que, para além do fato de existir uma “característica canina” compartilhada ou uma “característica cama” compartilhada, todos nós temos em nossas mentes uma ideia de uma cama ideal ou de um cão ideal, que usamos para reconhecer qualquer exemplar específico.

Usando um exemplo matemático para reforçar seu argumento, Platão mostrou que o verdadeiro conhecimento é alcançado pela razão em vez dos sentidos. Ele afirmou que podemos formular em bases lógicas que o quadrado da hipotenusa de um triângulo retângulo é igual à soma dos quadrados dos catetos, ou que a soma

dos três ângulos internos de qualquer triângulo é sempre 180 graus. Sabemos da veracidade dessas afirmações, ainda que o triângulo perfeito não exista em nenhum lugar no mundo natural. Apesar disso, conseguimos apreender o triângulo perfeito (ou a linha reta perfeita, ou o círculo perfeito) em nossas mentes, usando a razão. Platão especulou, então, se tais formas perfeitas poderiam existir em algum lugar.

Mundo das ideias

O raciocínio levou Platão a uma única conclusão: deve haver um mundo de ideias, ou formas, totalmente separado do mundo material. Lá, a ideia do triângulo perfeito, ao lado das ideias de cama e de cão perfeitos, existiria. Ele concluiu que os sentidos humanos não conseguem perceber tal lugar; ele só nos é perceptível pela razão. Platão foi mais além ao afirmar que o reino de ideias é de fato a “realidade”, e o mundo que nos cerca é moldado por essa outra realidade.

Para ilustrar seu pensamento, Platão apresentou o que se tornaria conhecido como a “teoria da caverna”. Ele nos

“
Se o particular tem significado, deve haver universais.
Platão

convidou a imaginar uma caverna na qual as pessoas estão aprisionadas desde o nascimento, amarradas, encarando a parede ao fundo, na escuridão. Elas só podem olhar para a frente. Atrás dos prisioneiros há uma chama brilhante que lança sombras na parede para a qual eles olham. Há também uma plataforma entre o fogo e os prisioneiros, na qual pessoas andam e exibem vários objetos de tempos em tempos, de modo que as sombras desses objetos são lançadas na parede. Tais sombras são tudo o que os »



Platão usa a teoria da caverna, na qual o conhecimento sobre o mundo é limitado a sombras da realidade, para explicar sua tese de um mundo de formas ou ideias perfeitas.

Segundo a teoria das formas de Platão, todo cavalo encontrado no mundo à nossa volta é uma versão menor de um cavalo "ideal", ou perfeito, que existe num mundo de formas ou ideias – um reino que os humanos só podem acessar por meio da razão.



prisioneiros conhecem do mundo, e eles não têm noção alguma sobre os objetos reais. Se um prisioneiro conseguir se desamarrar e se virar, verá ele mesmo os objetos. Mas, depois de uma vida de confinamento, ele provavelmente ficará muito confuso e talvez fascinado pelo fogo, e muito provavelmente se voltará de novo para a parede, a única realidade que conhece.

Platão disse que tudo que nossos sentidos apreendem no mundo material não passa de imagens na parede da caverna, ou seja, são simples sombras da realidade. Essa crença é a base de sua teoria das formas: para cada coisa na terra que temos o poder

de apreender com nossos sentidos há uma correspondente "forma" (ou "ideia") – uma eterna e perfeita realidade daquela coisa – no mundo das ideias. Como o que apreendemos pelos sentidos é baseado em uma experiência de "sombras" imperfeitas ou incompletas da realidade, não podemos ter um conhecimento real das coisas. No máximo, podemos ter opiniões, mas conhecimento genuíno só pode vir do estudo das ideias, e isso só pode ser alcançado pela razão. Essa separação em dois mundos distintos – um, da aparência, e o outro, do que Platão considerou como realidade de fato – solucionou o problema da busca

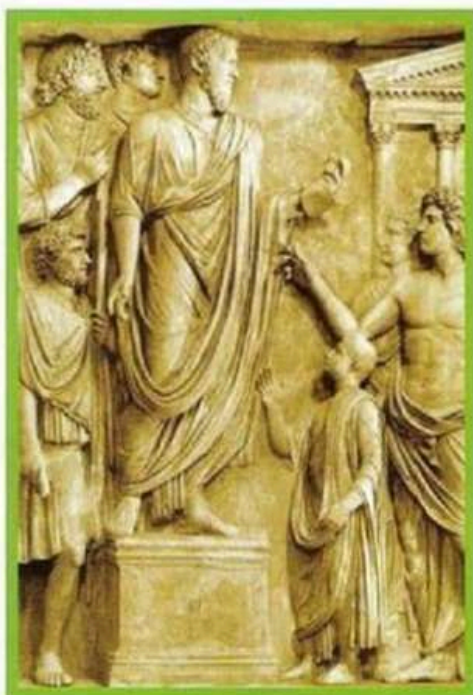
de constantes num mundo aparentemente em transformação. O mundo material pode estar sujeito à mudança, mas o mundo das ideias de Platão é eterno e imutável. Platão aplica sua teoria não apenas às coisas concretas, como camas e cães, mas também a conceitos abstratos. No mundo das ideias de Platão há uma ideia de justiça, que é a justiça verdadeira, enquanto todos os exemplos de justiça do mundo material ao nosso redor são apenas modelos ou variantes menores. O mesmo é verdadeiro em relação ao conceito de bondade, que Platão considera ser a ideia suprema e o objetivo de toda investigação filosófica.

Conhecimento inato

Persiste o problema de como podemos nos familiarizar com essas ideias, para que tenhamos a capacidade de reconhecer os exemplos imperfeitos no mundo em que vivemos. Platão argumentou que nossa concepção das formas ideais deve ser inata, ainda que não estejamos conscientes disso. Ele acreditava que os seres humanos são divididos em duas partes: corpo e alma. Nossos corpos possuem os sentidos, por meio dos quais somos capazes de apreender o mundo material, enquanto a alma possui a razão, com a qual podemos apreender o reino das ideias. Platão concluiu que a alma, imortal e eterna, habitou o

“
A alma do homem
é imortal e imperecível.
Platão

”



Marco Aurélio, poderoso imperador de Roma de 161 a 180 d.C., foi célebre erudito e pensador, materializando o ideal platônico de que filósofos deveriam comandar a sociedade.

mundo das ideias antes do nosso nascimento e ainda deseja retornar àquele reino após nossa morte. Por isso, as variantes de ideias que o mundo dos sentidos apresenta nos soam como uma reminiscência. Rememorar as lembranças inatas

dessas ideias exige razão, um atributo da alma.

Para Platão, a tarefa do filósofo é usar a razão para descobrir as formas ideais ou ideias. Em *A república*, ele também sugeriu que os filósofos – ou mais exatamente aqueles que são fiéis à vocação da filosofia – deveriam ser a classe dominante, pois somente o verdadeiro filósofo poderia entender a natureza do mundo e a verdade dos valores morais. No entanto, assim como o prisioneiro da teoria da caverna que prefere as sombras aos objetos reais, muitos acabam se voltando para o único mundo no qual se sentem confortáveis: Platão muitas vezes achou difícil convencer seus colegas filósofos da verdadeira natureza de sua vocação.

Legado incomparável

O próprio Platão era a personificação de seu filósofo ideal, ou verdadeiro. Debateu questões de ética antes levantadas por seguidores de Protágoras e Sócrates, mas durante o processo explorou pela primeira vez o próprio caminho para o conhecimento. Exerceu influência profunda sobre seu discípulo Aristóteles, ainda que este discordasse da teoria das formas. As

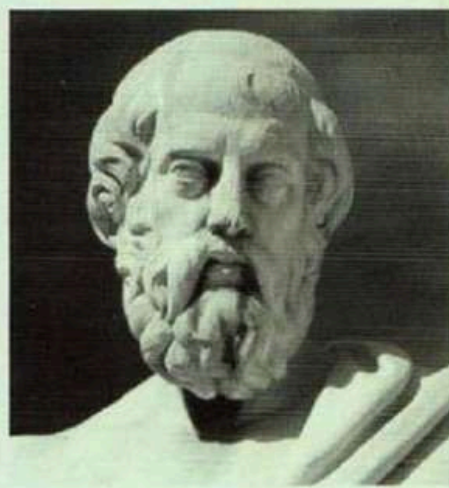
Apesar do volume de textos atribuídos a Platão que sobreviveram, pouco é conhecido sobre sua vida. Nascido numa família nobre em Atenas por volta de 427 a.C., foi batizado como Aristocles, mas ganhou o apelido "Platão" (amplo). Embora provavelmente destinado a uma vida na política, tornou-se aluno de Sócrates. A condenação à morte imputada ao mestre teria desiludido Platão, que abandonou Atenas. Viajou bastante, passando um período no sul da Itália e na Sicília, antes de retornar por volta de 385 a.C.

“
O que chamamos de aprendizado é só um processo de reminiscência.
Platão
”

ideias de Platão chegaram até o islamismo medieval e os pensadores cristãos, incluindo Santo Agostinho, que combinou as ideias de Platão com as da Igreja católica.

Ao propor que o uso da razão, em vez da observação, é o único caminho para adquirir conhecimento, Platão lançou os alicerces para o racionalismo do século XVII. A influência platônica ainda sobrevive. O amplo leque de temas sobre os quais escreveu levou Alfred North Whitehead, lógico britânico do século XX, a dizer que toda a filosofia ocidental subsequente "consiste num conjunto de notas de rodapé a Platão". ■

Platão



Fundou em Atenas uma escola conhecida como Academia, permanecendo como seu líder até a morte, em 347 a.C.

Obras-chave

c. 399-387 a.C. *Apologia*, *Críton*, *Górgias*, *Hípias maior*, *Mênon*, *Protágoras* (primeiros diálogos)
c. 380-360 a.C. *Fédon*, *Fedro*, *A república*, *O banquete* (diálogos intermediários)
c. 360-355 a.C. *Parmênides*, *Sofista*, *Teeteto* (diálogos finais)



**EXISTEM DOIS MUNDOS:
NOSSOS CORPOS
E O MUNDO
EXTERNO**

IMMANUEL KANT (1724-1804)



EM CONTEXTO

ÁREA

Metafísica

ABORDAGEM

Idealismo transcendental

ANTES

1641 René Descartes publica *Meditações*, na qual duvida de todo conhecimento, com exceção daquele de sua própria consciência.

1739 David Hume publica seu *Tratado da natureza humana*, que indica limitações sobre o modo como a mente humana percebe a realidade.

DEPOIS

Século XIX O movimento idealista alemão se desenvolve em resposta à filosofia de Kant.

1900 Edmund Husserl desenvolve a fenomenologia, estudo dos objetos da experiência, usando a interpretação da consciência de Kant.

Imanuel Kant considerava "escandaloso" que em mais de 2 mil anos de pensamento filosófico ninguém tivesse sido capaz de apresentar um argumento para provar que realmente há um mundo lá fora, externo a nós. Ele tinha particularmente em mente as teorias de René Descartes e George Berkeley, que consideravam que a comprovação de um mundo externo era impossível.

No início de *Meditações*, Descartes argumentou que, exceto o conhecimento de nossa própria existência como seres pensantes, devemos duvidar de todo conhecimento – inclusive o de que há um mundo

externo. Ele então prosseguiu para contrariar esse ponto de vista cético com um argumento que alega provar a existência de Deus e, por consequência, a realidade de um mundo externo. No entanto, muitos filósofos (incluindo Kant) não consideraram a comprovação de Deus feita por Descartes válida em sua dedução.

Berkeley, por outro lado, argumentou que o conhecimento é realmente possível, mas que ele provém das experiências que nossa consciência percebe. Não temos justificativa para acreditar que essas experiências têm qualquer existência externa fora de nossas próprias mentes.

Tempo e consciência

Kant queria demonstrar que há um mundo externo, material, e que sua existência não pode ser posta em dúvida. Seu argumento começa da seguinte forma: para que algo exista, deve ser determinável no tempo, isto é, devemos ser capazes de dizer quando ele existe e por quanto tempo. Mas como isso funciona no caso da consciência?

Embora a consciência pareça estar mudando constantemente com um fluxo contínuo de sensações e pensamentos, podemos usar a palavra "agora" para nos referirmos ao que está acontecendo neste momento em nossas consciências. Mas "agora" não é um tempo ou data determinada: toda vez que digo "agora", a consciência é diferente.

Aqui se encontra o problema: o que torna possível especificar o "quando" da minha própria existência? Não podemos experimentar o tempo em si, diretamente; em vez disso, experimentamos o tempo por meio das coisas que se movem, mudam ou permanecem iguais. Considere os ponteiros de um relógio, girando de maneira lenta. Os ponteiros que se movem são inúteis para determinar o tempo por si só – precisam de algo



De acordo com Kant, só podemos sentir o tempo por meio das coisas no mundo que se movem ou se modificam, como os ponteiros de um relógio. Então, só sentimos o tempo indiretamente.

diante do qual mudar, como os números no mostrador do relógio. Todo recurso que tenho para medir o meu "agora" constantemente em mudança é encontrado nos objetos materiais fora de mim, no espaço (incluindo meu próprio corpo físico). Dizer que eu existo exige um determinado momento no tempo, e isso, por sua vez, exige um mundo externo realmente existente no qual o tempo ocorre. Meu nível de certeza sobre a existência do mundo externo é, por conseguinte, igual ao meu nível de certeza sobre a existência da consciência – o que Descartes acreditava que era absolutamente certo.

O problema da ciência

Kant também investigou como a ciência entendia o mundo exterior. Ele admirava o impressionante progresso das ciências naturais ao longo dos dois séculos precedentes, em comparação com a relativa estagnação da disciplina desde os tempos antigos até aquele momento. Kant, junto com outros filósofos, indagava-se sobre o que era feito de maneira correta na pesquisa científica. A resposta dada por muitos filósofos do período foi o empirismo. Os empiristas, tais como John Locke e David Hume,

Ver também: René Descartes 116-123 • John Locke 130-133 • George Berkeley 138-141 • David Hume 148-153 • Johann Gottlieb Fichte 176 • Georg Hegel 178-185 • Friedrich Schelling 335 • Arthur Schopenhauer 186-188

argumentavam que não há conhecimento, exceto aquele que chega a nós através de nossa experiência do mundo. Eles se opunham às visões de filósofos racionalistas como Descartes ou Gottfried Leibniz, que argumentavam que a capacidade da mente para raciocinar e lidar com conceitos é mais importante para o conhecimento do que a experiência.

Os empiristas afirmavam que o recente sucesso da ciência se devia ao fato de os cientistas dedicarem muito mais cuidado a suas observações sobre o mundo do que tinha sido previamente – também ao fato de fazerem menos suposições injustificadas baseadas apenas na razão. Kant argumentou que, embora tudo isso seja parcialmente verdadeiro, não podia ser a resposta completa: era falso dizer que não havia observação empírica detalhada e cuidadosa na ciência antes do século XVI.

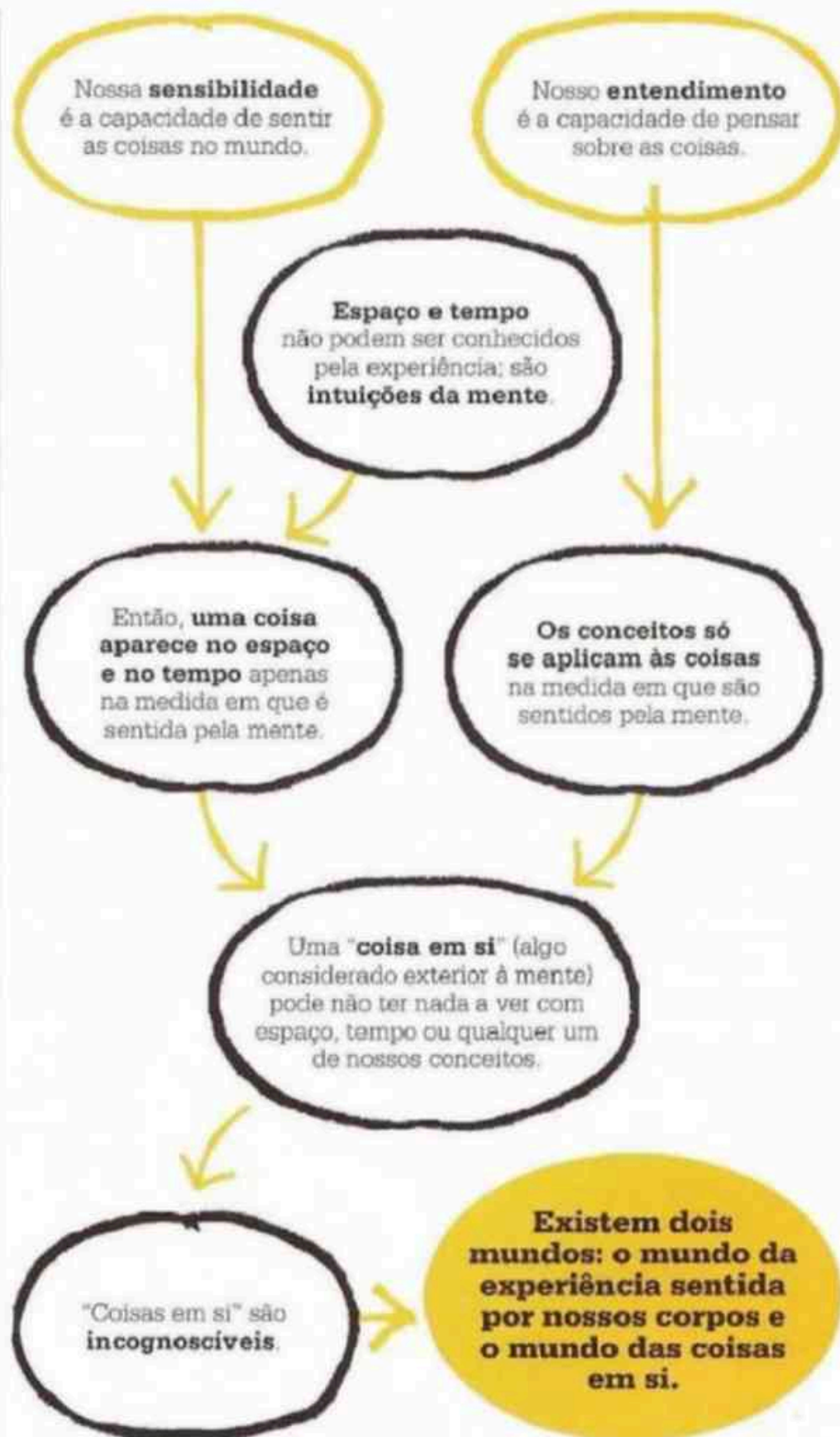
A questão real, argumentou Kant, é que um novo método científico surgiu e validou as observações empíricas. Esse método envolve dois elementos. Primeiro, afirma que conceitos como força ou movimento podem ser perfeitamente descritos pela matemática. Segundo, testa seus »

“

É precisamente ao conhecer seus limites que a filosofia existe.

Immanuel Kant

”





Pensamentos sem conteúdo são vazios; intuições sem conceitos são cegas... somente a partir de sua união pode surgir a cognição.

Immanuel Kant



próprios conceitos de mundo ao fazer perguntas específicas sobre a natureza e ao examinar as respostas. Por exemplo, o físico experimental Galileu Galilei queria testar a hipótese de que dois objetos de pesos diferentes cairiam pelo ar com a mesma velocidade – e criou um experimento para testar isso de tal maneira que a única explicação possível para o resultado observado seria a verdade ou falsidade da hipótese.

Kant identificou a natureza e a importância do método científico. Ele acreditava que esse método tinha colocado a física e outras disciplinas no “caminho seguro de uma ciência”. No entanto, sua investigação não parou aí. A questão seguinte foi: “Por que razão nossa experiência de mundo é de tal forma que o método científico funciona?”. Em outras palavras, por que nossa experiência científica de mundo é sempre matemática na natureza, e como é sempre possível para a razão humana apresentar questões à natureza?

Intuições e conceitos

Em sua obra mais famosa, *Crítica da razão pura*, Kant argumenta que nossa experiência de mundo envolve dois elementos. O primeiro é o que ele chama de “sensibilidade” – nossa

capacidade de experimentar diretamente coisas particulares no espaço e no tempo, como este livro, por exemplo. Essa experiência direta ele chama de “intuições”. O segundo é o que Kant chama de “entendimento”, nossa capacidade de ter e usar conceitos. Para Kant, um conceito é uma experiência indireta com as coisas, como o conceito de “livro” em geral. Sem conceitos não saberíamos que nossa intuição era a de um livro; sem intuições, nunca saberíamos que existem livros.


Cada um desses elementos tem, por sua vez, dois lados. Na sensibilidade está a minha intuição de uma coisa particular no espaço e no tempo (como o livro) e minha intuição de espaço e tempo como tal (minhas

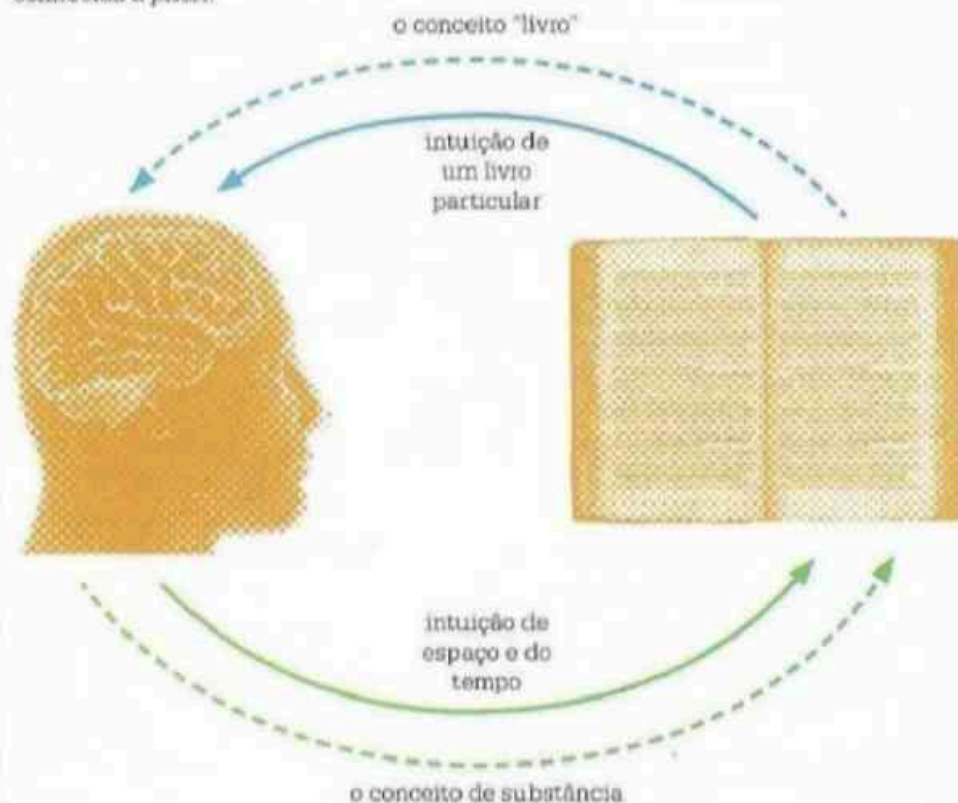
experiências com o espaço e o tempo se assemelham, em geral). No entendimento está o meu conceito de algum tipo de coisa (livros) e meu conceito de uma “coisa” como tal (substância). Um conceito como substância define o que significa ser uma coisa em geral, em vez de definir algum tipo de coisa como um livro. Minha intuição de um livro e o conceito de um livro são empíricos – como eu poderia saber qualquer coisa sobre livros a menos que tivesse deparado com eles no mundo? Mas minha intuição de espaço e tempo e o conceito de substância são *a priori* – o que significa que eles são conhecidos antes ou independentemente de qualquer experiência empírica.

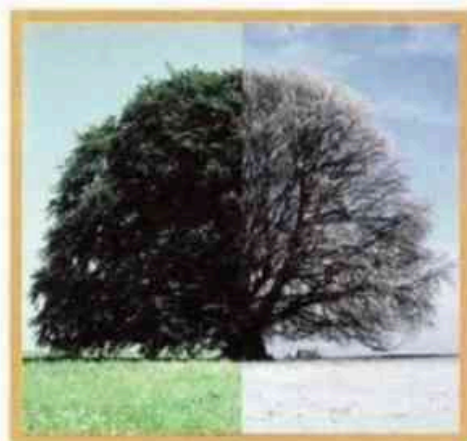
Um empirista verdadeiro

Kant dividiu o conhecimento em intuições, adquiridas a partir da sensibilidade direta do mundo, e em conceitos, que provêm indiretamente de nossa compreensão. Uma parte do conhecimento – tanto da sensibilidade quanto do entendimento – provém da evidência empírica, enquanto outra parte é conhecida *a priori*.

Legenda

-  Conhecimento empírico
-  Conhecimento *a priori*





A compreensão de que antes como árvores sofrem mudanças pressupõe entender *a priori* o conceito "substância", segundo Kant. Tais conceitos são precondições da experiência.

argumentaria contra Kant que todo o conhecimento provém da experiência dos sentidos – em outras palavras, nada é *a priori*. Eles poderiam dizer que aprendemos o que é o espaço ao observar as coisas no espaço, e que aprendemos o que é substância a partir da nossa observação de que as características das coisas mudam, sem que a própria coisa fundamental mude. Por exemplo, embora uma folha de árvore mude de verde para marrom, e finalmente caia da árvore, ainda é a mesma árvore.

Espaço e substância

Os argumentos de Kant mostraram que, ao contrário, o espaço é uma intuição *a priori*. A fim de conhecer as coisas fora de mim, preciso saber que elas estão fora de mim. Mas isso mostra que eu não poderia conhecer o espaço dessa forma: como posso localizar algo fora de mim sem saber anteriormente o que "fora de mim" significa? Algum conhecimento de espaço tem de ser admitido antes mesmo que eu possa estudar o espaço empiricamente. Devemos estar familiarizados com o espaço *a priori*.

Esse argumento tem uma consequência extraordinária. Como o

próprio espaço é *a priori*, não pertence às coisas do mundo. Mas a experiência de coisas no espaço é uma característica da sensibilidade. Uma coisa em si – termo kantiano para algo que é considerado em separado da sensibilidade e, portanto, exterior às nossas mentes – pode não ter nada a ver com o espaço. Kant usou argumentos similares para provar o mesmo em relação ao tempo.

Kant então se dedicou a provar a existência de conceitos *a priori* – como a substância. Ele nos convida primeiro a distinguir dois tipos de alteração: variação e mudança. Variação diz respeito às propriedades que as coisas têm: por exemplo, as folhas de uma árvore podem ser verdes ou marrons. Mudança é o que a árvore faz: a mesma árvore muda suas folhas de verde para marrom. Fazer essa distinção já é usar a noção de substância: a árvore (como substância) muda, mas as folhas (como propriedades da substância) variam. Se não aceitamos essa distinção, então não podemos aceitar a validade do conceito de substância. Estaríamos dizendo que, em qualquer instante em que existe uma alteração, algo "aparece ou desaparece": a árvore com folhas verdes seria aniquilada no mesmo instante em que a árvore com folhas marrons começaria a existir a partir do nada.

Kant precisa provar que essa última visão é impossível. A chave para isso é a determinação do tempo. O tempo não pode ser sentido diretamente; em vez disso, sentimos o tempo através das coisas que se alteram ou não se alteram, como Kant já demonstrou. Se sentimos o tempo através da árvore com folhas verdes e também sentimos o tempo através da árvore com folhas marrons sem que exista qualquer conexão entre as duas, então estaríamos sentindo dois tempos reais separados. Já que isso é absurdo, Kant acreditou que tivesse

demonstrado que o conceito de substância é absolutamente essencial antes de adquirirmos qualquer experiência de mundo. E já que é pela experiência dos sentidos que aprendemos qualquer coisa empírica, o conceito de substância não pode ser empírico: mais exatamente, é *a priori*.

Os limites do conhecimento

A posição filosófica que sustenta que certo estado ou atividade da mente é anterior e mais fundamental do que as coisas experimentadas é chamada de idealismo, e Kant nomeou sua própria posição de "idealismo transcendental". Ele insistiu que espaço, tempo e certos conceitos são características do mundo que experimentamos (o que Kant chamou de mundo fenomenal), em vez de características do mundo em si, considerado separadamente da experiência dos sentidos (o que Kant chama de mundo numênico).

As alegações sobre o conhecimento *a priori* têm consequências positivas e negativas. A positiva é que a natureza *a priori* de tempo, espaço e certos conceitos torna possível nossa experiência de mundo. Espaço e tempo tornam nossa experiência matemática na natureza: podemos medi-la segundo valores conhecidos. Conceitos *a priori* como substância tornam possível fazer »

“

Só podemos falar de espaço do ponto de vista humano.

Immanuel Kant

”

perguntas sobre a natureza, tais como “Isso é uma substância?” e “Que propriedades ela exhibe e de acordo com quais leis?” Em outras palavras, o idealismo transcendental de Kant torna possível que nossa experiência empírica seja considerada útil para a ciência.

Do lado negativo, certos tipos de pensamento intitulam-se ciência e até parecem ciência, mas fracassam completamente. Isso ocorre porque aplicam a coisas em si intuições sobre espaço e tempo ou conceitos como substância – o que, de acordo com Kant, deve ser válido para a experiência empírica, mas não tem validade em relação a coisas em si. Como se parecem com ciência, esses tipos de pensamento são uma tentação constante para nós e uma armadilha na qual muitos caem sem perceber. Por exemplo, podemos desejar afirmar que Deus é a causa do mundo, mas causa e efeito é outro conceito *a priori*, como substância,

“

A razão humana é atormentada por questões que não pode rejeitar, mas também não pode resolver.

Immanuel Kant

”

“

A razão só tem um *insight* sobre aquilo que ela cria depois de um plano próprio.

Immanuel Kant

”

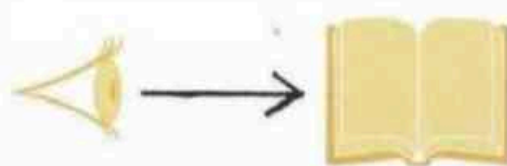
que Kant acredita ser válido apenas para o mundo percebido, mas não para coisas em si. Então a existência de Deus (considerado, como geralmente é, um ser independente do mundo conhecido) não é algo que possa ser conhecido. A consequência negativa da filosofia de Kant, então, é colocar restrições um tanto severas aos

limites do conhecimento. O idealismo transcendental nos proporciona um meio radical de compreender a distinção entre nós mesmos e o mundo externo. O que é externo a mim é interpretado não apenas como externo a mim no espaço, mas externo ao próprio espaço (e ao tempo, e a todos os conceitos *a priori* que tornam nossa experiência do mundo possível). E existem dois mundos: o “mundo” da experiência, que inclui meus pensamentos e sentimentos, e também a experiência das coisas materiais, como meu corpo ou livros; e o “mundo” das coisas em si, que não é precisamente sentido e, assim, não pode de modo algum ser conhecido, e portanto devemos lutar constantemente para evitar que nos enganemos com ele.

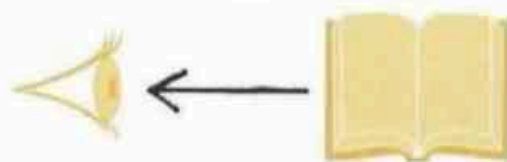
Nossos corpos têm um papel curioso a desempenhar em tudo isso. Por um lado, meu corpo, como coisa material, é parte do mundo externo. Por outro lado, o corpo é parte de nós e o meio através do qual encontramos



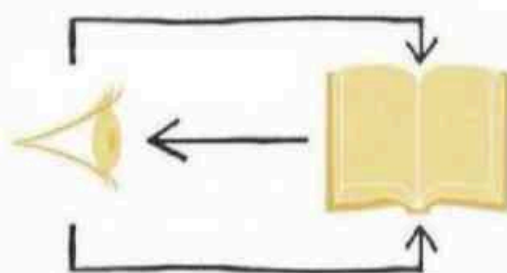
A xilogravura de Flammarion retrata um homem olhando fora do espaço e do tempo: o que é externo a nós é externo ao espaço e ao tempo. Não pode ser conhecido como coisa em si.

**Racionalismo**

Os racionalistas acreditavam que o uso da razão, em vez da experiência, leva à compreensão dos objetos no mundo.

**Empirismo**

Os empiristas acreditavam que o conhecimento provém da experiência dos objetos no mundo, em vez da razão.

**Idealismo transcendental**

A teoria do idealismo transcendental de Kant afirma que tanto a razão quanto a experiência são necessárias para compreender o mundo.

outras coisas (usando nossa pele, nervos, olhos, ouvidos e assim por diante). Isso nos dá uma oportunidade de compreender a distinção entre corpos e mundo externo: o corpo como o meio das minhas sensações é diferente de outras coisas externas e materiais.

Influência duradoura

Crítica da razão pura é, possivelmente, a obra individual mais significativa da história da filosofia moderna. De fato, toda disciplina da filosofia é com frequência dividida por muitos filósofos em tudo o que aconteceu antes e depois de Kant.

Antes de Kant, empiristas como John Locke enfatizaram o que Kant denominou sensibilidade, mas os racionalistas como Descartes tenderam a enfatizar o entendimento. Kant argumentava que nossa experiência de mundo sempre envolve ambos, então é dito com frequência que ele combinou o racionalismo e o empirismo. Depois de Kant, a filosofia alemã em

particular progrediu rapidamente. Os idealistas Johann Fichte, Friedrich Schelling e Georg Hegel levaram as ideias kantianas a novas direções e, por sua vez, influenciaram todo o pensamento do século XIX, do romantismo ao marxismo. A crítica sofisticada de Kant ao pensamento metafísico também foi importante para o positivismo, que sustentava que toda assertiva justificável é passível de verificação científica ou lógica.

O fato de Kant localizar *a priori* até mesmo em nossas intuições sobre o mundo foi importante para os fenomenologistas do século XX, tais como Edmund Husserl e Martin Heidegger, que procuraram investigar os objetos da experiência independentemente de quaisquer suposições que possamos ter a respeito deles. O trabalho de Kant também permanece como importante ponto de referência para os filósofos contemporâneos, especialmente na metafísica e na epistemologia. ■

**Immanuel Kant**

Immanuel Kant nasceu em 1724, numa modesta família de artesãos. Cresceu e trabalhou toda a vida na cosmopolita cidade portuária báltica de Königsberg (atual Kaliningrado), então parte da Prússia. Embora nunca tenha deixado a província natal, tornou-se um filósofo internacionalmente conhecido ainda em vida.

Kant estudou filosofia, física e matemática na Universidade de Königsberg e lecionou na mesma instituição nos 27 anos seguintes. Em 1792, suas visões heterodoxas levaram o rei Friedrich Wilhelm II a proibi-lo de lecionar. Ele retornou ao ofício após a morte do rei, cinco anos depois. Kant publicou ao longo de toda a sua carreira, mas é mais conhecido pela série de obras inovadoras produzidas entre os cinquenta e setenta anos. Embora fosse um homem brilhante e sociável, nunca se casou. Morreu aos oitenta anos.

Obras-chave

1781 *Crítica da razão pura*
1785 *Fundamentação da metafísica dos costumes*
1788 *Crítica da razão prática*
1790 *Crítica da faculdade do juízo*



A SOCIEDADE É, DE FATO, UM CONTRATO

EDMUND BURKE (1729-1797)

EM CONTEXTO

ÁREA

Filosofia política

ABORDAGEM

Conservadorismo

ANTES

c.350 a.C. Aristóteles diz que a sociedade é como um organismo e o homem, um animal político por natureza.

Século V Santo Agostinho argumenta que o governo é uma forma de punição pelo "pecado original".

Século XVII Thomas Hobbes e John Locke desenvolvem a ideia de "contrato social".

DEPOIS

Século XIX O filósofo francês Joseph de Maistre ressalta o legado antidemocrático de Burke desde a Revolução Francesa.

Século XX O filósofo britânico Michael Oakeshott desenvolve uma forma mais liberal de conservadorismo.

Os insatisfeitos tendem a bradar: "Não é minha culpa... culpe a sociedade!". Mas o significado da palavra "sociedade" não é inteiramente claro e tem mudado ao longo do tempo. No século XVIII, quando viveu o filósofo e político irlandês Edmund Burke, a Europa cada vez mais se mercantilizava, e a ideia de que a sociedade é um contrato mútuo

entre seus membros, como uma companhia mercantil, foi entendida facilmente. Contudo, esse ponto de vista implica que apenas as coisas materiais importam na vida. Burke tentou reequilibrar as coisas, ao lembrar que os seres humanos também enriquecem suas vidas por meio da ciência, da arte e da virtude, e que, embora seja realmente um contrato ou



Ver também: John Locke 130-133 • David Hume 148-153 • Jean-Jacques Rousseau 154-159 • Adam Smith 160-163 • John Rawls 294-295

parceria, a sociedade não se ocupa apenas da economia, ou daquilo que ele chamou de "vulgar existência animal". A sociedade personifica o bem comum (nosso acordo em relação a costumes, normas e valores), mas para Burke "sociedade" significava mais do que pessoas vivendo o agora: ela também inclui nossos ancestrais e descendentes. Além disso, como toda constituição política, é parte do "grande contrato primevo da sociedade eterna", o próprio Deus seria o fiador supremo da sociedade.

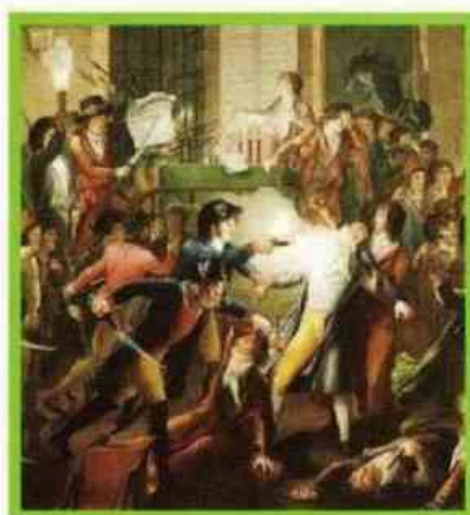
A visão de Burke tem a doutrina do pecado original (a ideia de que nascemos pecadores) como seu núcleo. Ele demonstrou pouca simpatia por quem culpabiliza a sociedade pela própria conduta. Da mesma maneira, rejeitou a ideia proposta por John Locke de que podemos ser aperfeiçoados pela educação, como se nascêssemos inocentes e apenas precisássemos receber as influências corretas. Para Burke, a falibilidade do julgamento individual é a razão pela qual precisamos da tradição, para nos dar o sentido moral de que precisamos. O argumento ecoa David Hume, que afirmava que o "hábito é o grande guia da vida humana".

Tradição e mudança

Como a sociedade é uma estrutura orgânica com raízes se estendendo profundamente no passado, Burke acreditava que sua organização política devia se desenvolver naturalmente ao longo do tempo. Ele refutava a ideia de mudanças políticas amplas ou abruptas em meio a esse processo natural. Por essa razão, opôs-se à Revolução Francesa de 1789, prevendo seus riscos bem antes da execução do rei e do Período do Terror. Isso também o levou em diversas ocasiões a criticar Jean-Jacques

Rousseau, cuja obra *O contrato social* argumentava que o contrato entre cidadãos e o Estado pode ser rompido a qualquer momento, dependendo da vontade do povo. Outro alvo regular de Burke foi o filósofo e cientista inglês Joseph Priestley, que aplaudiu a Revolução Francesa e ridicularizou a ideia de pecado original.

Apesar de seu ceticismo diante da moderna sociedade comercial, Burke foi grande defensor da propriedade privada e era otimista em relação ao mercado livre. Por essa razão, é com frequência saudado como o "pai do conservadorismo moderno", filosofia que valoriza tanto a liberdade econômica quanto a tradição. Hoje, até os socialistas concordariam com Burke que a propriedade privada é uma instituição social fundamental, mas discordariam sobre seu valor. Da mesma maneira, filósofos ecologicamente comprometidos compartilham de sua crença nas obrigações de uma geração em relação à próxima, em sintonia com a agenda de criação de uma sociedade sustentável. ■



Burke condenou a Revolução Francesa por sua rejeição indiscriminada ao passado. Ele acreditava em mudanças graduais, uma ideia que se tornou fundamental ao conservadorismo moderno.



Edmund Burke

O político anglo-irlandês Edmund Burke nasceu e foi educado em Dublin, na Irlanda. Desde a juventude estava convencido de que a filosofia era um aprendizado útil para a política e na década de 1750 escreveu ensaios notáveis sobre estética e as origens da sociedade. Atuou como parlamentar inglês de 1766 até 1794 e foi proeminente membro do partido Whig, o mais liberal dos dois partidos aristocráticos da época.

Burke era simpático à causa da independência norte-americana – que iniciou uma revolução inteiramente justificada, em sua visão – e posteriormente se envolveu no julgamento do *impeachment* de Warren Hastings, governador-geral da Índia. Continuou um crítico contundente da má administração colonial pelo resto da vida e ganhou respeito por ser a consciência do Império Britânico.

Obras-chave

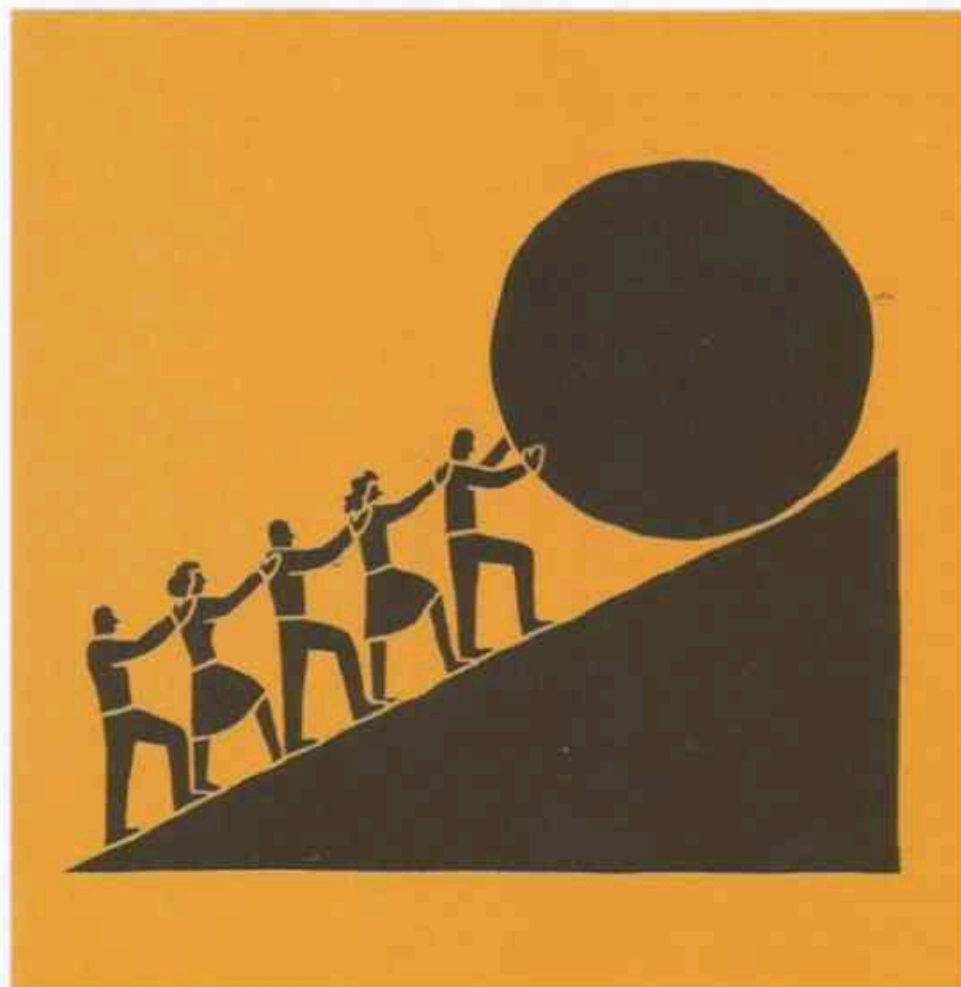
1756 *Defesa da sociedade natural*

1770 *Thoughts on the Present Discontents*

1790 *Reflexões sobre a revolução em França*

ONDE HÁ PODER, HÁ RESISTÊNCIA

MICHEL FOUCAULT (1926-1984)



EM CONTEXTO

FOCO

Poder/resistência

DATAS IMPORTANTES

1848 Karl Marx e Friedrich Engels descrevem a opressão do proletariado pela burguesia no livro *O manifesto comunista*.

1883 Friedrich Nietzsche apresenta o conceito de "vontade de poder" em *Assim falava Zaratustra*.

1997 Em seu livro *Excitable Speech: A Politics of the Performative*, Judith Butler desenvolve a ideia de Foucault sobre poder/conhecimento em relação a censura e discursos de ódio.

2000 Em *Império*, o sociólogo marxista italiano Antonio Negri e o pesquisador americano Michael Hard descrevem a evolução de um poder imperialista "total", contra o qual a única resistência é a negação.

O poder de manter a ordem social ou causar uma mudança social tem sido visto, por convenção, em termos políticos ou econômicos. Até os anos 1960 as teorias de poder geralmente se encaixavam em dois tipos: ideias do poder do governo ou do Estado sobre os cidadãos; ou a ideia marxista de luta pelo poder entre a burguesia e o proletariado. Porém, essas teorias tendiam a se concentrar no poder no nível macro, ignorando o exercício do poder nos níveis mais baixos das relações sociais ou vendo-o como uma consequência do exercício primário do poder (ou só de importância secundária).

Michel Foucault, no entanto, pensava que nas sociedades ocidentais

Veja também: Karl Marx 28-31 • Max Weber 38-45 • Charles Wright Mills 46-49
 • Herbert Marcuse 182-187 • Erich Fromm 188 • Jürgen Habermas 286-287



Michel Foucault

Um polímata brilhante, influente nos campos da filosofia, psicologia, política e crítica literária, bem como na sociologia, Michel Foucault era com frequência associado aos movimentos estruturalista e pós-estruturalista na França, mas ele não gostava de ser rotulado assim. Nasceu em Poitiers, França, e estudou filosofia e psicologia na École Normale Supérieure, em Paris. Lecionou na Suécia, Polônia e Alemanha nos anos 1950, tendo terminado seu doutorado em 1959. Foi palestrante na Tunísia de 1966 a 1968 e, quando voltou a Paris, foi escolhido chefe do departamento de filosofia na Universidade de Vincennes. Dois anos mais tarde, foi eleito para o Collège de France como professor de "história dos sistemas de pensamento". Morreu em 1984, uma das primeiras vítimas mais conhecidas de doenças relacionadas à aids na França.

Principais obras

- 1969 *A arqueologia do saber*
- 1975 *Vigiar e punir: nascimento da prisão*
- 1976-1984 *A história da sexualidade* (três volumes)



liberais de hoje tais abordagens são muito simplificadas. O poder, dizia, não é apenas exercido pelo Estado ou pelos capitalistas, mas pode ser visto em qualquer nível da sociedade, desde os indivíduos até os grupos e as organizações, chegando à sociedade como um todo. Em suas palavras, "o poder está em todo lugar e vem de todo lugar". Ele também discordava da visão tradicional do poder como algo que pode ser possuído ou exercido, como uma arma. Isso, diz ele, não é poder, mas uma capacidade de exercer poder — não se torna poder até que se tome alguma ação. Assim, o poder não é algo que alguém tenha, mas algo que é feito aos outros, uma ação que afeta a ação de outros.

Relações de poder

Em vez de pensar no poder como uma "coisa", Foucault o vê como uma "relação" e explica a natureza do poder através do exame das relações de poder presentes em todos os níveis da sociedade moderna. Por exemplo, uma relação de poder existe entre um homem e o Estado no qual ele vive, mas, ao mesmo tempo, existem diferentes formas de relação de poder entre ele e seu empregador, seus filhos, as organizações às quais pertence etc.

Foucault reconhece que o poder tem sido, e continua a ser, a maior força a moldar a ordem social, mas descreve como a natureza das relações de poder mudou desde a época medieval até hoje. O que ele considera como o »

exercício "soberano" do poder, como torturas públicas e execuções, era o método usado por figuras de autoridade na sociedade feudal para coagir seus súditos à obediência. Com o surgimento do Iluminismo na Europa, no entanto, a violência e a força foram vistas como desumanas e, mais importante, como um meio não efetivo de exercer o poder.

Vigília e controle

No lugar das duras punições físicas surgiu um meio mais convincente de controlar o comportamento: a disciplina. O estabelecimento de instituições como prisões, hospícios, hospitais e escolas caracterizou a mudança da noção de meramente punir para um exercício disciplinar de poder: mais especificamente, agir para prevenir as pessoas de se comportarem de certa forma. Tais instituições não apenas eliminavam a possibilidade de transgressão, como também ofereciam as condições pelas quais a conduta das pessoas pudesse ser corrigida e regulada e, acima de tudo, monitorada e controlada.

Esse elemento de vigília é especialmente importante na evolução do modo como o poder é exercido na sociedade moderna.

Foucault foi particularmente afetado pela Panopticon, o eficiente modelo de prisão inspirado no filósofo britânico Jeremy Bentham, com uma torre de observação que permitia uma vigilância constante dos presos. As celas, apontava Foucault, tinham uma iluminação de fundo que impedia os presos de se esconder em algum canto escuro. Os prisioneiros nunca sabiam com certeza se estavam sendo vigiados, de modo que passaram a disciplinar seu comportamento como se estivessem sempre sob vigília. O poder não é mais exercido ao coagir as pessoas a se conformar, mas ao estabelecer mecanismos que garantam sua conformidade.

Regulando a conduta

Os mecanismos pelos quais o poder é exercido, a "tecnologia do poder", tornaram-se desde então parte integral da sociedade. No mundo ocidental moderno, as normas sociais são impostas não tanto pela força, mas através de um exercício de um poder "pastoral" que guia o comportamento das pessoas. Em vez de uma autoridade forçando as pessoas a agir de forma particular, ou impedindo-as de se comportar de maneira diferente, as pessoas

“
A história da sexualidade de Foucault... nos adverte a não imaginar uma completa libertação do poder. Jamais pode haver uma libertação total do poder.

Judith Butler

participam de um complexo sistema de relações de poder que opera em muitos níveis, regulando a conduta dos membros da sociedade.

Esse tipo difundido de poder é determinado pelo controle que a sociedade tem das atitudes das pessoas, suas crenças e suas práticas: os sistemas de ideias aos quais Foucault se refere como "discurso". O sistema de crenças de qualquer sociedade evolui conforme as pessoas aceitam certos valores, até o ponto em que essas visões são enclavadas naquela sociedade, definindo o que é bom e o que é mau, o que é

A Panopticon, desenvolvida por Bentham, é o supremo olho do poder para Foucault. Os espaços circulares permitem uma visibilidade permanente, que leva os prisioneiros a se conformar com sua própria disciplina e controle. Foucault defende que não apenas as prisões, mas todas as estruturas hierárquicas (como hospitais, fábricas e escolas) evoluíram para se parecerem com esse modelo.



Um pastor guiando suas ovelhas é a analogia que Foucault usa para descrever o poder "pastoral", em que as pessoas são guiadas a agir de certa forma.

considerado normal ou um desvio. Os indivíduos dentro daquela sociedade regulam seu comportamento de acordo com tais normas, em grande parte sem saber que é o discurso que guia sua conduta, já que faz com que ações e ideias opostas sejam impensáveis.

Regimes discursivos

O discurso é sempre reforçado, já que é tanto um instrumento quanto o efeito do poder: ele controla os pensamentos e a conduta, que, por sua vez, moldam o sistema de crenças. E, já que define o que é certo ou errado, é um "regime de verdade", criando um corpo daquilo que é considerado como conhecimento comum inegável.

Foucault desafiou a ideia de que "o conhecimento é poder", dizendo que os dois se relacionam de modo mais sutil. Ele cunhou o termo "poder-conhecimento" para essa relação, notando que o conhecimento cria poder, mas também é criado pelo poder. Hoje, o poder é exercido ao controlar quais formas de conhecimento são aceitáveis, apresentando-as como verdade e excluindo outras formas de conhecimento. Ao mesmo tempo, o conhecimento aceito, o discurso, é de fato produzido no processo do exercício do poder.

Diferentemente da maneira como o poder foi usado ao longo do tempo para compelir e coagir as pessoas a se comportar de certo modo, esse tipo de poder-conhecimento não tem nenhuma espécie de agente ou estrutura que possam ser reconhecidos de imediato. E, por causa de sua natureza onipresente,



parece que não há nada específico contra o que se pode resistir. De fato, Foucault argumenta que a resistência política, na forma de revolução, talvez não leve à mudança social, já que ela desafia apenas o poder do Estado, mas não o modo onipresente e cotidiano pelo qual o poder hoje é exercido.

No entanto, Foucault defende que existe uma possibilidade de resistência: ela pode ser contra o próprio discurso, que pode ser desafiado por outros discursos opostos. O poder que se baseia na cumplicidade implica pelo menos algum grau de liberdade aos que se sujeitam a ele. Para que o discurso seja um instrumento de poder, os que se sujeitam a ele devem estar envolvidos numa relação de poder, e

Foucault defende que, se houver uma relação de poder, também há a possibilidade de resistência — sem resistência, não é necessário o exercício do poder.

O uso do poder

Os conceitos de Foucault de poder-conhecimento e discurso são sutis e, na época, foram rejeitados por vários estudiosos como especulativos e vagos. Mas suas palestras e escritos se tornaram bastante populares, a despeito dos conceitos difíceis e de seu estilo de prosa algumas vezes complicado. As ideias de poder descritas em *Vigiar e punir* e em *A história da sexualidade* foram, aos poucos, sendo aceitas por alguns na sociologia dominante (além de historiadores e filósofos), acabando por influenciar a análise de como o discurso é usado na sociedade como instrumento de poder em diversas arenas.

O desenvolvimento do feminismo moderno, a teoria queer e os estudos culturais devem muito às explicações de Foucault de como as normas de comportamento são impostas. Hoje, a opinião ainda se divide entre os que acham que suas teorias são conclusões um tanto vagas de uma pesquisa e de uma erudição limitada, e os que o consideram um dos pensadores mais abrangentes e originais nas ciências sociais do século XX. ■

“

O discurso transmite e produz poder; ele o reforça, mas também o debilita e o expõe.

Michel Foucault

”